



JORNAL

DA SOCIEDADE

DOS AMIGOS DAS LETRAS.

N.º 2

Maio

1836

NOTA PRELIMINAR

A cerca do artigo que se segue.



O Santo Tribunal da Inquisição, de quem não menos tremia o sabio que o ignorante, o perverso que o virtuoso, o atheo e o fanatico, fez do fundo dos seus carceres subir á sua tenebrosa barra o Padre Antonio Vieira, dado que elle fosse homem letrado, religioso, e mais serviços houvesse á Religião prestado do que todos os Inquisidores do Mundo.

Vinte annos havia que o Padre Vieira composera o seu livro intitulado *Quinto Imperio*, cujo era assumpto demonstrar que cedo viria o *Imperio do Christo na Terra*. Como porém se careceria de braço temporal para tão magnifica empresa como extirpação das seitas d'Infiéis, conversão de todas as gentes, reformação da Christandade, e paz geral entre os principes, batalha por provar que o Monarcha a quem tamanhas proesas são reservadas será um rei portuguez: a este fim, dous principios estabelece 1.º que o Imperio do Christo não sómente é espirital, senão também temporal; o 2.º que os Principes Temporaes são Vigarios do Christo no Temporal, cada um em respeito dos seus Vassallos. O autor emprega toda a subtilidade do seu espirito, e ele-

gancia da sua linguagem para convencer os Leitores desta Escolha do Soberano Portuguez pelo Monarcha dos Monarcas.

Dignas de observação são as accusações que lhe a Inquisição fez. Reprova ella o titulo *Quinto Imperio* por ser esse o do Anti-Christo, em quanto o Autor o chama com os Theologos o Reino de Christo.

Reprova o dizer que o Imperio do Christo não só é espirital se não também temporal.

Reprova o afirmar que Christo neste mundo exercitou alguns actos do dito dominio e jurisdicção de Rei Temporal.

Reprova o provar o Imperio temporal do Christo com alguns dos mesmos logares com que se prova o espirital, o que se não podia fazer senão *in senso judaico* e contra Christo.

Reprova a opinião de um futuro estado consummado do Imperio do Christo, porque se poderiam queixar os passados de o não terem logrado, e seria impiedade dizer-se que Deus lho não deu porque não quiz ou não poudes.

Reprova o dizer que um Rei Christão promoverá este Estado; por quanto a potencia temporal anda sempre junta com a ambição que é destruidora e não propagadora do Reino de Christo.

Reprova o admittir-se que a potencia temporal seja medida da salvação.

Reprova o dictame que a conversão universal possa realisar-se antes da vinda do Anti-Christo.

Reprova, a opinião que admite a restituição dos Judeos á sua Patria, no caso em que todos se convertam.

Reprova dizer que o Messias esperado pelos Judeos é fantastico e imaginario, porque elles hão de receber por Messias o Anti-Christo, que será um verdadeiro homem.

Reprova em fim a opinião de bastar para prova da verdadeira profecia o successo das cousas profetisadas, quando os futuros são contingentes &c. &c. &c.

A tantas e tão varias accusações responde o erudito Padre já com as armas da dialectica, já com respeitaveis autoridades: a braços com enfermidade de que era mal convalescido, sem forças nem alento para poder fallar em publico, obteve licença para o fazer por papel. Em nossas mãos páram as 8 *Ponderações* em que o Reo se justifica; mas como tratem as 7 primeiras de debates theologicos, de menor momento na epocha actual, publicamos a ultima como a mais interessante, por n'ella se individuem circumstancias da vida do nosso celebre Escriitor, ou desconhecidas, ou pouco vulgarisadas. O Biógrafo verá esse merecimento no artigo que se segue, em quanto o Philosopho penetrará no coração do autor, e deparará com as molas secretas que o moviam na conversão dos Infieis.

Accresce porém á curiosidade da materia o apurado desvelo do classico, estilo que não menos se hade estudar nesta que nas outras obras do mesmo autor. Tal consideração nos afoitou a publicar o seguinte fragmento, que os entendidos apreciarão.

José Feliciano de CASTILHO.

PONDERAÇÃO 8.^a

A' CERCA DO REO.



ESTA ultima ponderação fora melhor faze-la outrem do que eu, pois sou forçado nella a fallar em mim, e de mim; mas o faze-lo forçado será a desculpa das ignorancias que disser, que assim chamou São Paulo a tudo o que disse sendo tão verdadeiro, quando obrigado a fallar de si, se valeu da mesma desculpa dizendo — quasi insipiens loquar, vos me coegistis. —

De duas cousas principalmente me vi arguir nos Exames. A 1.^a de Suspeito na fé. A 2.^a de presumido. E começando por esta segunda: argue-se-me, que quero saber mais que os P. P., e D. D. antigos. Já disse, que á cerca da Zona Torrida, e dos Antipodas, ensinaram os Pilotos Portuguezes ao mundo sem saberem ler, nem escrever, o que não alcançou Aristoteles, nem Santo Agostinho pela differença dos tempos. E sendo o tempo, como confessam os mesmos Padres, o melhor Interprete das Profecias, bem pôde acontecer, sem maravilha, e cuidar-se sem presumpção, que um homem muito menos sabio possa entender depois do discurso de largos annos e successos, algumas Profecias, que os antigos Sapientissimos e Santissimos, por falta destas noticias não alcançaram. Assim o cuidam de Si Bossio, Genebrardo, Leão de Castro, Palavio, Acosta, Arias, Montano, Legionense, Pontio, Scherlogo, Mendonga, Malvenda, e muitos outros; os quaes expõem muitas Escripturas Profecticas, de cousas succedidas nestes ultimos seculos, confessando, que aos PP. antigos não foi possível pela causa dita, conhecer o sentido literal dellas. Assim que, quando eu fizera o mesmo, fôra um daquelles que nem por isso são notados de presumidos, mas não é esse o meu cazo; porque ainda que me attrevi a querer navegar por um mar tão profundo,

e por meio de uma cerração tão escura como a das Escripturas Profecticas, foi seguindo o farol de tanto numero de Santos, e DD. antigos, e modernos, quantos no principio ficam nomeados, dizendo o que elles primeiro disseram, e querendo reduzir a um só discurso, e volume, o que elles escreveram dividido em muitos logares.

Confesso com tudo, que se me pode replicar, que ainda em seguimento de outros AA. não era esta empreza para um homem tão idiota, como eu agora tenho acabado de conhecer, que sou. Mas esta culpa em parte tiveram meus Prelados, os quaes de idade de 17 annos me encommendaram as annuas da Provincia, que vão a Roma historiadas na Lingua Latina, e de idade de 18 me fizeram Mestre da primeira, onde dictei commentadas as Tragedias de Seneca de que até então não havia commento; e nos dous annos seguintes comecei um Commentario Literal, e Moral sobre Josué, e outro sobre os Cantares de Salomão em cinco sentidos. E indo estudar Filosofia de idade de 20 annos, no mesmo tempo compuz uma Filosofia propria; e passando á Theologia me consentiram os meus Prelados, que não tomasse Postilla, e que eu compozesse por mim as materias, como com effeito compuz, e estão na minha Provincia, onde de idade de 30 annos fui elleito Mestre de Theologia, que não prosegui, por ser mandado a este Reino, na occasião da Restauração d'elle. Em Portugal continuei os mesmos estudos com a applicação que todos sabem, sendo mais morador da Livraria, que da Cella; não prejudicando em nada aos ditos Estudos as Periprizações de Hollanda, França, Inglaterra, e Italia, onde fui enviado por S. Magestade. Por quanto sobre a noticia que já tinha muito universal dos livros (sendo sempre Bibliotecario em todos os Collegios) pude ver as melhores livrarias do mundo, e tratar os homens mais doutos, e consultados em estudos par-

ticulares, e estudar todo o genero de controversia, não na paz, se não com as armas nas mãos, ajudando-me não pouco o mesmo conhecimento de terras, e mares para a exacta Cosmografia, e intelligencia da historia profana, Ecclesiastica, e Sagrada, para a qual me appliquei muito á Chronologia dos Tempos, Ordem, e Successão das idades do mundo, e da Igreja, e dos homens grandes, que nelle, e nella floresceram, querendo conhecer os ditos homens por suas obras, e lendo-as para isso nas proprias fontes, principalmente as dos Santos PP., e Expositores da Escriptura, a qual passei por vezes toda, e mais particularmente os livros profeticos, insistindo sempre no sentido genuino, e radical, e pertendido pelo Espirito Santo, sem me dever tir nas folhas, e flores (que é o estudo ordinario dos portuguezes,) e procurando sobre tudo a coherencia de uns logares, com os outros, de modo que todos se podessem entender concordemente sem contradição, ou repugnancia alguma em todo o texto Sagrado. Estas são as diligencias, que fiz em toda minha larga vida, sendo por mar, e por terra meus Companheiros inseparaveis os livros; e estas são tambem as partes de que eu lia, e ouvia dizer se devia compor o bom interprete das Escripturas, donde resultaram as rasões, ou apparencias; porque eu com pouca culpa, e outros com pouca temeridade, se enganaram comigo, entendendo, que na minha insufficiencia havia capacidade para uma obra que tanto excedia a limitação do meu cabedal, e talento.

Quanto ás suspeitas da fé: Depois de dar infinitas graças a Deus por me chegar ao estado em que me é necessario dar razão de mim, em tal materia peço aos Srs. Inquisidores, sejam servidos primeiro que tudo, de se informarem dos procedimentos deste indigno Religioso, principalmente no tempo em que escreveu o papel de que se tomam estes fundamentos, pa-

ra que julguem ao menos seu theor, e se o rigor de sua vida, e o seu zello da Disciplina Religiosa, do Culto Divino, da Propagação da fé, da Salvação das almas, da Reformação dos Costumes, da frequencia dos Sacramentos, da promogão á Piedade, e devoção assim entre os Portuguezes, como entre os Indios, eram, ou podiam ser de homem, que não amasse a Christo, nem cresse na sua fé? E se outro sim eram de homem, que não cresse, nem amasse a Christo, os assumptos, e materias de seus Sermones, a efficacia delles, e as Doutrinas de todos os Domingos, uma que fazia na Matriz aos Indios na sua Lingua, outra aos Estudantes, e Portuguezes no Collegio, a que concorria todo o povo, e as Confissões geraes, e mudanças de vidas que resultavam das ditas Doutrinas, e Pregação, e dos Livros espirituaes, principalmente da differença do temporal e eterno [de que levou muitos a este fim] que repartia, e fazia repartir entre os que eram capazes daquella Lição? E se era de homem, que não cresse, nem amasse a Christo, o continuo socorro de todos os pobres [que são neste mundo os Substitutos do mesmo Christo] aos quaes cheguei a dar até a propria cama, dormindo dalli em diante em uma esteira de Tabua, sem jámais se negar a pobre cousa alguma, que houvesse na casa onde elle se achava, tendo dado a mesma ordem em todas as outras: E porque naquellas terras não havia Botica, mandando-a ir todos os annos deste Reino a grandes despezas para a fazer commum de todos os enfermos, assim pobres, como ricos; procurando, e ajudando a que se fizesse um Hospital para os Soldados, que morriam ao desamparo; solicitando as Causas dos presos, intercedendo por elles, e Livrando a muitos; mandando á Cadêa muito frequentes esmolos, e informando-se dos Parochos, e dos Confessores, das necessidades, que havia occultas, as quaes remediava tambem occultamen-

te, e com maiores soccorros do que se podiam esperar de quem professava pobreza? E se era de homem, que não cresse, nem amasse a Christo, o cuidado, e vigilancia, e as vigias, e industrias, que tinha para que nenhum Gentio, ou Cathecumeno morresse sem Baptismo, nem algum Baptisado sem Confissão, indo muitas vezes quatro, e seis legoas a pé, e muitas vezes quinze, e vinte, atravessando bosques, e rios sem ponte, nem caminho, caminhando de dia, e de noute para Confessar um Indio enfermo. E posto que nem as suas forças, nem a sua virtude era para outros maiores trabalhos, ao menos fazia que os emprendessem seus Companheiros, indo algum delles distancia de cincoenta, e sessenta legoas acudir a um Indio moribundo, só na duvida dese poder achar ainda vivo: posto que se affirmasse estaria já morto, como verdadeiramente se achava. E porque as distancias, e necessidades eram muitas, e os Sacerdotes poucos, compuz um Formulario breve de todos os actos com que em falta do Sacramento da Penitencia, se pode uma Alma pôr em graça de Deus, escritos pelas palavras mais substanciaes, mais breves, e de maior efficacia, assim na Lingua Portugueza como na Geral dos Indios, para que qualquer pessoa, nos Casos de necessidade podesse suprir a auzencia do Sacerdote: E outra segunda parte na mesma forma para poderem administrar o Sacramento do Baptismo, e dispor para elle nos termos mais apertados a qualquer Gentio, e outras semelhantes industrias, e prevenções para que nenhuma alma perecesse? E se era finalmente de homem, que não cresse, nem amasse a Christo a constancia a que outros chamam pertinacia com que tanto instou, e trabalhou por arrancar por todas as vias daquelle estado o pecca do universal, e como riginal delle dos captiveiros injustos dos Indios, sem embargo de ter contra si a todos não só Seculares, se não Ecclesiasticos, tornando a Portugal sobre esta

demanda, e embarcando-se para isso em um tal Navio, que no meio do mar se virou, onde tivera acabado seus trabalhos, se Deus para outros tanto maiores, quasi milagrosamente o não livrara. E posto que o demonio nesta empresa parece que prevaleceu, não deixou com tudo o bom zelo de alcançar contra elle na mesma batalha muitas, e mui importantes victorias, sendo o primeiro rendido o Vigario da Matriz da Cidade do Grão Pará Conego da Sé d'Elvas, o qual deu liberdade por uma escritura publica a mais de setenta escravos com grande escandalo das suas ovelhas, grangeando com esta obra, o indigno instrumento della, o odio de todos os homens; mas ganhando aquellas e outras Almas para Christo, por quem, e pelas quaes em tantos conflitos do mar e da terra expoz tantas vezes a vida ás setas dos barbaros, e á furia dos Elementos, sem bastarem estas demonstrações não sendo feitas na sua cella, se não na face do mundo para o não arguirem de inimigo de Christo. Não o cuidavam assim os que lhe ouviam as praticas dos passos da paixão do mesmo Christo, que elle introduziu na sua Igreja da Cidade de S. Luiz, repartidas por todas as sextas feiras da Quaresma, em que nenhuma houve em que não fosse necessario acudir com remedios, a muitos, ou alguns dos ouvintes, uns porque desmaiavam, outros porque abafavam de dôr, e lagrimas; mas ainda era maior, e mais conhecido o fructo de uma historia, ou exemplo de Nossa Senhora, que tambem introduziu, e prégava todos os sabbados bem de tarde, a que concorria com grande expectação, e gosto toda a Cidade; introduzindo assim mesmo todos os dias na dita sua Igreja o terço do roزاری de que elle era Capelão, e não só o vinham resar os Estudantes, e meninos da escola por obrigação, e para bem se acostumarem; mas tambem se achavam ordinariamente á mesma devoção, o Governador, Ouvidor Geral, Procurador Mor da Fa-

zenda, Sargento Mor do Estado, Vigario Geral, e o da Matriz, e outras muitas mais pessoas principaes, sendo muitas as familias, que no mesmo tempo fariam o mesmo em suas casas, rezando o Pae, filhos, e escravos em um côro, e a Mãe, e filhas, e escravas no outrô, seguindo em tudo a forma a que eram exhortados. E isto é o que obrava o Reo na mesma terra, e no mesmo tempo em que foi escrito o papel de que se inferem as consequencias porque é chamado impio, e blasfemo.

Mas supposto que as cousas referidas [e outras mais interiores, que se calam] passaram no Maranhão, em Coimbra estão os Padres Francisco da Veiga, Jacome de Carvalho, e José Soares, que podem testemunhar neste caso; e tambem estão em Portugal D. Pedro de Mello, Balthazar de Sousa Pereira, e o Dr. Jasé Cabral de Barros, Governador, Capellão Mór, e Syndicante que foram naquelle estado, todos tres meus capitães inimigos [Deus, e o mundo sabem porque] aos quaes, sem embargo disso offereço por testemunhas do mesmo, e ao Licenciado Domingos Vaz Corrêa, Vigario Geral que foi muitos annos e o era naquelle tempo do Maranhão, e aos Mestres Pilotos e Marinheiros, que de lá me trouxeram duas vezes, os quaes dirão como as primeiras razões da minha meza, ou Refectório, eram as de todos os passageiros pobres [que em 22 vezes que me tenho embarcado tomei sempre á minha conta] e como sendo roubados, e lançados na Ilha Graciosa em numero de quarenta e uma pessoas, eu me empenhei para remediar a todos, dando a quatro Religiosos do Carmo que allí vinham habitos, e toda a roupa interior, e a todos os mais camizas, çapatos, meias, e as outras peças de vestido que lhes eram necessarias: E como escolhendo de entre os Marinheiros um homem de respeito, e de entre os passageiros outro, lhes entregava sem limite, o dinheiro necessario para o sustento de todos em

o tempo [que foram dous mezes] que nos detivemos na Ilha, e na Terceira, aonde dei a todos Embarcação, e matalotagem de biscouto, carne, e pescado para quarenta dias por serem os ventos contrarios com que passaram ao Reino. E assim os ditos Marinheiros, e Passageiros desta viagem, de que era Mestre, Fulano Pontilha, visinho de Lisboa, como os da ultima, de que era Mestre Fulano Terejo, visinho de Aveiro, dirão tambem como nos ditos Navios prégava todos os Domingos, e dias Santos, e quando o Mar, e tempo davam lugar dizia Missa, e havia muitas Confissões, e Communhões, e varias Doutrinas entre semana, e lição das vidas dos Santos, e todos os dias pela manhã o Terço do Rozario, e á tarde a Laldainha, a que ninguém faltava, e depois della Meditação para muitos, que se chegavam a ouvi-la, e á noute exame de consciencia para todos, tudo com grande silencio, e ordem, e com campainha tangida, como se fôra um Convento, ou Noviciado de Religiosos; e o mesmo se observava em qualquer Canôa da Missão; sendo as primeiras peças da Matalotagem o Altar portatil, o Relógio de areia, e a Campainha para os exercicios espirituaes, conforme as Regras, e Estatutos, que fiz, por ordem do Padre Geral, quando me mandou seus poderes para que dêsse fôrma á Missão, dispondo, e ordenando tudo o que nella se havia de guardar, assim quanto á observancia Religiosa dos Missionarios, como no pertencente á Conversão e Doutrina dos Indios. As quaes regras, deduzidas em mais de 80 Capítulos, foram todas approvadas em Roma sem acrescentar, nem diminuir palavra, e dellas ha em Portugal algumas Copias, de que se poderão ver os errados dictames do meu espirito, e zelo da Religião.

Mas vindo ao particular da fé: De idade de 17 annos fiz voto de gastar toda a vida na Conversão dos Gentios, e Christãos Buçaes daquella Provincia, digo Gentios, e doutrinados

novamente convertidos; e para isso me appliquei ás duas Linguas do Brasil, e Angola, que são os Gentios e Christãos Buçaes daquella Provincia. E porque para este Ministerio, me não era necessario mais sciencia, que a Doutrina Christãa, pedi aos superiores me tirassem dos Estudos; porque não queria Curso, nem Theologia, e cedia dos graus da Religião, que a elles se seguem. E posto que os Superiores mo não quizeram conceder, antes me tiraram a obrigação do voto, e o Padre Geral fez o mesmo, eu com tudo o tornei a renovar, e insisti nelle até que ultimamente o consegui, indo-me para o Maranhão tanto contra a vontade d'El-Rei, e do Principe, como é notorio, levando, e convocando de diversas partes da Companhia para a mesma Missão mais de 30 Religiosos de grandes talentos, com os quaes trabalhei por espaço de nove annos, navegando neste tempo de agua salgada, e doce, mais de 14 $\frac{1}{2}$ legoas, e fora muitas de terra, e dezertos sempre a pé, favorecendo Deus tanto o fervor daquelles operarios, que já a Missão, e a fé estava estendida em districto de seiscentas Legoas, que tantas contei eu, e andei desde as terras de Ibrapaba até o Rio dos Tapejos, sendo 14 as Residencias em que assistiam Religiosos acudindo dalli a diversas partes, e havendo alguma em que só os baptisados, que morreram innocentes em espaço de quatro annos passaram 600, além de muitos adultos baptisados in extremis; para os quaes, e para todos os outros, que mais de vagar se iam cathequizando, compuz no mesmo tempo com excessiva diligencia, e trabalhos seis Cathecismos, que continham em summa todos os Misterios da fé e Doutrina Christãa em seis lingoas diferentes: um na lingua geral da costa do mar: outro na dos Nhingãibas; outro na dos Bôcas: outro na dos Jumunas: e dous na dos Tapejos; tendo-se levantado, e edificado de novo todas as Igrejas das sobreditas Residencias, e muitas outras,

servidas, e ordenadas todas pela industria de quem escreve este papel, porque a todas dava vinho, e hostias para as Missas, e cêra branca para os dias principaes, sendo levadas estas cousas de Portugal, porque naquellas terras as não ha: como também iam de Portugal todos os ornamentos, uns ricos, e outros decentes; os Sacrarios, os Altares portateis, os Calices, as Custodias menores, e maiores [e estas de grande magestade] Cruzes, Castiças, Alampadarios, Thuribulos, alguns de prata, os mais de latão; muitos Sinos, muitas Imagens de Christo, de Nossa Senhora, e de varios Santos; umas de pintura para os Retabulos, outras de Relevo estufadas, assim maiores para os Altares, como menores para as Procissões, e até mascaras, e cascaveis para as danças das mesmas Procissões, para mostrar aos Gentios muito inclinados aos seus bailes que a Lei dos Christãos, não é triste. E assim mesmo todo o apparatus dos Baptismos para se fazerem com grande pompa, necessaria igualmente aos olhos da gente rude, que só se governa pelos sentidos. Muitas resmas de papel, tintas, e lata para os Sepulchros, e Imagens da Paixão para as Procissões da Quaresma, e Semana Santa, que tudo se introduziu desde logo para ficar melhor fundado, e estabelecido entre aquelles novos Christãos: sendo materia de grande devoção ver derramar o Sangue por amor de Christo, vestidos de Disciplinantes a Portugueza, a muitos daquelles mesmos que poucos mezes antes se fartavam de sangue, e carne humana, sendo raros os que naquelles dias não fizessem esta penitencia. E para verem da mesma maneira com os olhos o Misterio do Nascimento de Christo, cuja Solemnidade fazia celebrar com Dialogos na sua lingua representados por seus proprios filhos, mandava também ir de Portugal as Imagens do Presépio, e outras curiosidades daquella festa, de que se paga ainda gente de maior entendimento; e varios ternos

de charamellas, e frautas para maior solemnidade das Missas, as quaes já alguns dos Indios tinham aprendido a cantar em muzica de Canto d'Orgão. Ajuntando-se a estas despezas mais chegadas ao Culto Divino, outras ordenadas ao mesmo fim da fé, que são o que lá chamam Resgates, com que se conciliam os animos dos Barbaros, e vem a ser, grande quantidade de Machados, Foices de roçar, Facas, Tesouras, Velorios, Espelhos, Pentes, Agulhas, Anzóes; e de tudo isto muitos milheiros, levados como o de mais de Portugal, e muito panno de algodão ao menos para cubrir decentemente as mulheres convertidas, e outros vestidos de pannos, e côres alegres para os maiores, ou Regulos das Nações. Nas quaes cousas todas em duas vezes que fui ao Maranhão, e em nove annos, que lá estive, metti, e despendi com aquella nova Christandade muito mais de cincoenta mil cruzados, pela valia da terra; sendo muito maior o cuidado, e o disvello, que o valor. Para que se julgue se foi demasiado empenho com Christo, e sua fé para quem se diz, que espera outro Messias.

E porque não pareça muito a quantia da dita despeza, esta se tirava de mil cruzados de renda, que o Sr. Rei D. João me deu para o mesmo fim, situados nos Dizimos do Brasil, donde vinham em Assucar livres de Direitos, e do meu ordenado de Pregador d'El-Rei, e das esmolos de meus Parentes, que só para isto acceitava, e de empenhos, e dividas, de que ficava por Fiador o Padre Procurador do Brasil, e principalmente da grande, e continua liberdade com que El-Rei na sua vida, e a Rainha depois da sua morte assistiam áquella Missão, não só por via da Junta da Propagação da fé, se não por mercês, e donativos particulares. Mas o que muito se deve notar, e ponderar é, que a applicação das cousas, e despezas sobreditas, toda era, e toda vinha a ser á custa da caridade, e mortificação dos Missionarios, os quaes

comendo farinha de pão, bebendo agua, e vestindo algodão tinto na lamma, tiravam de si, e da boca, o que tinham por mais bem empregado no Culto Divino, e no soccorro dos pobres corpos das almas, que iam salvar, sendo o maior trabalho, e difficuldade de toda a Missão a cobiça insaciavel dos que por captivar, e vender os ditos Corpos, e para e fazerem mais livremente, e sem estorvo, chegaram a prender sacrilegamente, e desterrar aos que por amor das mesmas almas se tinham desterrado. Mas agora sobre a impunidade que gozam estarão satisfeitos desta sua acção, pois não consentiram, que nas suas terras prégasse a fé um homem a quem o Santo Officio prendeu por crimes contra ella.

Indo para o Maranhão, quiz Deus, que por uma tempestade arribasse o Navio ás Ilhas do Cabo Verde, e conhecendo o desamparo espirital dellas, e de toda a Costa de Guiné, e Angola, escrevi dali apertadissimamente a S. Magestade, metendo grande escrupulo ao Principe, que já ficava enfermo, para que se acudisse áquelles Gentios, e desamparados Christãos, de que resultaram as duas Missões, que hoje se continuam com grande fructo, uma de Religiosos da Piedade ao Cabo Verde, e outra de Carmelistas descalços a Angola. E tornando depois a este Reino a procurar o remedio, que depois foi cauza da minha expulsão, com que se evitassem os Captiveiros injustos, e se tirasse de uma vez no Maranhão este estorvo da Conversão das Almas, com o bem destas procurei juntamente o universal de todas as dos Gentios, alcançando de Sua Magestade se formasse a Junta da Propagação da fé [de que sou Deputado] e pondo em pratica com alguns Senhores a Congregação do mesmo fim, que pouco depois se instituiu em S. Roque, debaixo da Protecção de S. Francisco Xavier. Tornando em menos de um anno a estar outra vez no Maranhão sobre novas resistencias de Sua Ma-

gestade, mas com novas Leis sobre a Conversão, e Liberdade dos Indios, bastou só a fama das ditas novas leis, certificada com uma firma de quem as veio procurar, para que muitos Indios dos mais bravos, e bellicosos se mandasse logo sujeitar á direcção dos Missionarios, e por meio delles á obediencia da fé, e de Sua Magestade, havendo mais de vinte annos que por aggravos recebidos, faziam cruel guerra aos Portuguezes. E se a cobiça dos que tinham maior obrigação de guardar as ditas leis, não fizera tão pouco cazo dellas, como das de Deus, e da Natureza, fôra hoje aquella Christandade uma das mais florecentes, e copioza, que teve a Igreja. Com tudo em quanto com a vida de El-Rei, se não perdeu tanto o respeito ás suas ordens, houve logar de se fazerem onze Missões pelo Sertão dentro, até distancia de mais de quinhentas legoas, sendo um dos Missionarios dellas, quem tinha obrigação de dar exemplo aos de mais. Nas quaes Missões, sem fallar em seus trabalhos, e perigos [em que alguns dos ditos Missionarios déram a vida] se trouxeram para o gremio da Igreja muitos milhares d'almas de diversas nações; Potiguaras, Topinambas, Caatingas, Pacajas, Poquis, Mamaijanas, e Anajas; e se começava a introduzir, e receber a fé nos Tucujus, e Aroaquis, que são dous grandissimos Reinos, ou Provincias, por onde tambem se abria o passo a outros muitos, sendo sempre maior difficuldade, e trabalho vencer a contradicção dos Portuguezes, que a fereza dos Barbaros, e Gentios: isto quanto á fé destes, de que podéra fazer muito largas relações.

Quanto á fé dos Hereges: No tempo em que vivi, ou passei por suas terras, me appliquei com toda a diligencia ao estudo das suas controversias, tendo com elles batalhas quotidianas, e publicas, por ser esta a sobre-meza daquelles paizes, principalmente as noutes; assistindo-me Deus com fortissimos argumentos, e evidentes soluções, que por não acresc-

tar as suspeitas de presumido, não digo, que se não acham nos livros [e sempre pela graça Divina com Victoria da fé, e honra da Igreja Romana.] E quando estive na mesma Roma [onde tive também disputas, e convenci um Atheo] já dispondo um Memorial para apresentar á Santidade de Innocencio X, sobre a Conversão dos Hereges do Norte pelas noticias, que eu tinha alcançado do que mais dificultava sua redução, o que se impedia com a repentina brevidade com que o Padre Geral, a instancias do Rei de Castella, por seu Embaixador o Duque del Infantado, me mandou sahir da Curia. Aqui pertencem quatro Indios Canarins, levados por desastre, da India a Inglaterra, os quaes tirei de entre aquella gente com dadivas, e os trouxe com muita despeza a Portugal, para que se não fizessem hereges, como já se tinha feito outro seu Companheiro, e um grumete Portuguez natural do Porto, moço de quinze annos, do qual tendo noticia que já ferido de peste em um Navio velho, da mesma frota de Hollanda, em que eu vinha embarcado, me passei logo ao dito seu Navio, e o assisti nelle por mais de 20 dias [em que padeci trez terriveis tempestades] até que morreu confessado nas minhas mãos, para que os Hereges o não prevertessem.

Quanto ao Judeismo: Não só procurei em Hollanda, e França reduzir a cegueira dos Indios, em algumas conversações particulares [que pela ignorancia delles, não merecem o nome de disputas] mas diante de alguns convenci em Amstardão ao seu Mestre Portuguez Manasses. E appellando para outro Italiano, chamado Mostera, também lhes disse, que me trouxessem, ou escolhessem o dia, e lugar em que quizessem que disputássemos, o que elles não fizeram, porque elle não quiz. Mas agora poderá também ser que cuidem, que me pareceram bem os argumentos do seu Manasses. Em ordem á Conversão dos mesmos Judeos, admirado de ver

que os Padres da Companhia Ingleses, escrevem contra as herezias de Inglaterra, e os Alemães contra as de Alemanha, e os Francezes contra as de França, e que os Portuguezes não escrevam contra o Judaismo [que é a herezia de Portugal] determinei escrever contra ella o livro de que dei conta nesta meza: mas porque me disseram em Lisboa pessoas intelligentes, que o Santo Officio o não havia de deixar imprimir, deixisti desta obra, e converti o zelo, que Deus nella me tinha dado, á conversão dos Gentios, despedindo-me totalmente da dos Judeos, e dizendo com S. Paulo, e S. Barnabé. = Ecce convertimur ad gentes. = Até dos Turcos [que só restavam entre os inimigos da fé] me não esqueci, querendo ao menos tirar de entre elles aos Renegados, e aos que o estão em perigo de o ser, dando a El-Rei D. João que Deus tem, os meios com que isto se podia conseguir com pouco dispendio de sua fazenda, e grande utilidade da Navegação, pois o Reino está tão falto de Marinhagem, que é geralmente a gente de que ha mais Cativos em Berberia. E posto que o alvitre, e os meios foram muito approvados de Sua Magestade, que lhes chamou inspirados pelo Espirito Santo, impedio-se a execução por outros accidentes, e porque com a minha auzencia não houve quem a instasse. Assim que estes, e outros semelhantes são os desserviços, que tem feito, e procurado fazer á fé de Christo, este, outra vez tão indigno, Religiozo, que sobre elles merece o nome de Impio, Sacrilego, Blasfemo, e outros ainda mais feios, e de maior horror.

Agora me lembra que não só no Maranhão, mas na Ilha Terceira, S. Miguel, e Gracioza, e em todos os Navios em que naveguei introduzi a rezar o terço do Rozario publicamente a choros, donde se tem pegado esta devoção a quaze todos os Navios Mercantes, e das Armadas, por industria daquelles mesmos Marinheiros; como elles me disseram: que é nove

argumento do odio que tenho a Christo, e aos misterios de sua Vida, Paixão, e Gloria, e tambem a Sua Santissima Mãe, minha unica Advogada, e Senhora.

Contra tudo isto se me oppõem, e diz, que sou favorecedor, ou factor dos Judeos, e do Judaismo: e se prova com os dous papeis, que antigamente fiz, e com ir a Roma, e Hollanda procurar-lhes Sinagogas, e serem admittidos a este Reino; o que tudo é sem fundamento, e uma mera fabula do vulgo, a quem eu não havia de dar satisfação, escrevendo pelas esquinas de Lisboa os negocios a que era enviado por El-Rei. Quaes fossem os Negocios de Roma, pode dizer o Sr. Arcebispo Eleito de Lisboa, a quem se deram as minhas instruções, quando no mesmo tempo esteve nomeado Embaixador Extraordinario da França: e quaes fossem os mesmos de Roma, os de Hollanda, e todos os mais, dirá o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva por cuja mão correram todos. Mas porque se poderá imaginar, que este fingido Negocio dos Judeos fosse ainda mais Secreto, o Doutor Pedro Fernandes Monteiro pode dar noticia da verdade de tudo; porque elle era o Secretario de uma cifra particular, que eu tinha com Sua Magestade para algum segredo Secretissimo, se acazo o houvesse. A verdade liza é, que á cerca dos Christãos novos (além da perdição de suas almas) me doeram sempre muito duas cousas: a 1.^a a mistura do sangue: a 2.^a a destruição do Commercio. A este fim disse por muitas vezes a Sua Magestade; que ou pozesse o Commercio todo em Christãos velhos, ou buscasse remedio a que os interesses delle fossem de Portugal, e não de Hollanda, Veneza, Inglaterra, e França, por onde os Christãos novos traziam divertidos seus cabedaes. E sobre tudo, que mandasse estudar meios com que os Christãos velhos não causassem com os Christãos novos; sobpena de todo o Reino em 100 annos ser Judeo; as-

sim como em 150 o era já a metade delle. E que os ditos meios os communicasse Sua Magestade com os Srs. Inquizidores, e os resolvesse com elles, e approvasse pelo Summo Pontifice, que é a maior comprovação, de que eu não pertendia cousa, que não fosse mui justificada, e pia, quanto mais contra a fé.

Nem em mim se pôde, ou podia considerar rasão alguma, pela qual houvesse de favorecer aos Judeos: por quanto pela graça Divina Sou Christão Velho, e trez Cunhados, e seus filhos [que são os Parentes, que só tinha] tambem são Christãos velhos: nem tive já mais amisade, ou tracto com Christão novo algum; excepto sómente Manuel da Gama de Padua, por ser o Mercador, a quem meu Irmão remetia do Brasil os Asucares do seu Engenho, e depois ser Prebendeiro da Capella, que me pagava os ordenados de Pregador d'El-Rei. Nem os Christãos novos me deram nunca cousa alguma, nem eu havia mister que ma dessem; porque além de não ser cubicozo nem curiozo de ter [como é mui sabido na minha Religião] para tudo o que eu quizesse tinha parentes muito ricos, que me davam o que eu não queria aceitar, e sobre tudo tinha a liberalidade d'El-Rei, que sem limite punha no meu alvedrio a inteira disposição da sua fazenda a qualquer parte onde me enviava, não usando eu já mais desta largueza, antes restituindo aos Ministros da Fazenda Real, até o que dos Viaticos me sobejava, como de tudo pôde dar largo testemunho o Secretario Pedro Vieira.

Nem accrescenta nada á sobredita presumpção o haver eu commentado ou seguido as Trovas de Bandarra; por quanto o tive sempre por Christão velho, sem raça de Mouro nem Judeo, como elle mesmo affirma onde perguntado se é dos Hebreos, ou dos Agarenos, diz = Senhor não sou dessa gente, nem conheço esses taes. E por me parecer que as ditas suas Trovas combinavam grandemente com

as Profecias dos Santos, e opinião dos D. D. acima referidos, de cuja fé ninguém duvida; e finalmente [além das razões neste, e n'outros papeis apontadas] porque tão longe estava de ter a Bandarra por favorecedor do Judaismo, que antes entendi sempre, sentia elle também muito, o ver, ou prever quam grande damno havia de fazer á fé, e limpeza do sangue dos Portuguezes, a mistura dos casamentos destes [e ainda dos Fidalgos] com os Judeos pelo dinheiro dos Dotes. Este é, ou cuidava eu que era o sentido daquella Trova. = A Linhagem dos Fidalgos. Por dinheiro é trocada. Vejo tanta mistura, Sem haver Chefe que mande, Como quer, que a cura ande, Se a ferida está damnada? = Onde se queixa Bandarra de que o sangue limpo, e até o Fidalgo dos Portuguezes, pelo interesse do dinheiro se misture com o de Judeos, e que não haja Chefe, ou Cabeça, que impida estas misturadas: advertindo que a cura que o Santo Officio applica a esta ferida, não é sufficiente a evitar todo o damno della, porque a mistura dos Casamentos são erpes, que tem damnado a dita ferida, e vão lavrando, e corrompendo todo o Corpo do Reino, e importa pouco que cada anno pelo Santo Officio se queimem dez Judeos, se pelos Casamentos crecem dez mil! Estes são os favores, que eu entendia, fazia Bandarra aos Judeos, e estes os que eu lhes procurava.

Finalmente seja a ultima prova da minha fé o rendimento do Juizo, e cega obediencia della ainda contra as evidencias certissimas da propria consciencia; pois sendo assim verdadeira e indubitavelmente, e conhecendo eu com toda a interior certeza, que o sentido, e supposição em que as minhas proposições foram interpretadas, e censuradas, é totalmente diverso daquelle em que as proferi, e do que suppuz nellas, e do que pretendo significar por ellas, entendo, e creio com tudo que as ditas censuras são muito justas, e as ditas interpretações muito verdadeiras, e como taes

as acceitei, venero, e sigo mui do coração, sem embargo de se julgarem antes de eu ser perguntado, nem ouvido. E se dilatei tanto tempo este inteiro, e total rendimento, não quanto á acceitação das censuras, que desde o primeiro dia foram acceitadas por mim, senão quanto á desistencia das razões de minha innocencia, e da pureza de tenção com que tinha proferido as proposições censuradas foi, como tudo consta do processo, pela razão do escrupulo em que não tive quem me segurasse a consciencia, como procurei por todas as vias que me foram possiveis: conformando-me finalmente com o dictame do Confessor, que foi a unica pessoa com que só me pude aconselhar, o qual depois de encommendar o negocio a Deus, resolveu, que tinha obrigação de dar razão de mim, e evitar o escandalo. E quão prompto estivesse o meu animo, e Juizo para o dito rendimento, e desistencia total, bem se vio no mesmo ponto, e momento em que tive sufficiente razão para depôr o escrupulo, com a noticia de Sua Santidade haver approvado as ditas censuras. Sendo certo que se na primeira hora se me houvera dado esta noticia, fôra ella também a ultima de todas as dilações da minha causa, e se tivéra evitado o escandalo da Christandade, e do mundo, a cujas partes mais remotas, e sem duvida, terá chegado em dous annos, assim pela Religião ser a mais conhecida, e declarada em todo elle, como também pelo nome da pessoa não ser o mais ignorado, principalmente entre aquelles a quem préguei a mesma fé, de cujo Juizo sou reo, e prezo: Os quaes terão justa razão de duvidar se acazo lhe haverei ensinado alguns erros contra ella; e se poderão fiar-se seguramente da Doutrina dos outros Padres da Companhia, pois o que entre elles tinha o maior logar, era qual por lá terá espalhado a fama, e confirmado a prizão; mas estou confiado na Mizericordia daquelle Senhor = qui mortificat, et vivificat, deducta ad

Inferos, et reducit = que assim como a Justiça do Santo Officio achou motivos em mim [que conheço por mui justificados] para uma tão extraordinaria demonstração, assim a Piedade do mesmo Sagrado Tribunal ache motivos em si mesma para restaurar o perdido, e satisfazer o dito escandalo.

O Espirito Santo, que tão particularmente assiste ás Resoluções desta Meza, seja servido de guiar na decisão desta Cauza os Juizes, e animos de V. S.^{as} ao que for de maior serviço, e gloria de seu Divino Beneficente, que é a unica lição em que estudo ha mais de 18 annos, e nestes ultimos dous me quiz Deus examinar, e tomar conta della, posto que eu lha não tenho dado tão boa como devia. Mas sabe o mesmo Senhor, que se em mim não houvera mais que eu, sem os respeitos do Habito, que tenho vestido, nem uma só palavra havia de fallar, nem ter fallado em meu descargo, pondo toda a cauza aos Pés de Christo Crucificado, e deixando-a toda á Disposição da Divina Providencia: desejando, e tendo por melhor, e mais favoravel Despacho, o que fosse de maior descredito, e affronta, e de maior materia de padecer, para em alguma cousa seguir as pisadas do mesmo Christo, e participar os opprobrios de sua Cruz.

FIM.

*Ao Illm.^o Sr. Mauricio José Sendim
por me haver retratado,*

EPISTOLA.

Ja' desde Homero, em traficos do Pinço,
Amigo meu Sendim, não roda o ouro.
Versos, bustos, painéis, primor das graças,
Pague-os secco Bretão por somas brutas,
Se muito ha que do author deu cabo a fome.
Lisonja em metro, em marmores, em cores,
Encomende-a o mimoso da fortuna,
Pague com seus dobrões a gloria alheia.
Nós que longe da terra, ao vulgo estranhos,
Vivemos facil vida anachoreta
Por solidões de imaginario mundo;

Que os louros para nós, por nós plantados,
Ouvimos susurrar por sobre o colmo
Da hermidinha, onde as Musas nos visitão;
Nós, nós a quem deu alma a natureza,
Não terrea, não mortal, não simples alma,
De instinctos de animaes fugaz composto,
Mas generosa, esplendida, sublime,
Mixto da etherea luz, do odor das rosas,
Do gorgoeio do cysne, e do profundo
Bramir do oceano, e do beijar das rôlas,
E do albôr melancolico da lua,
E da calma do estio, e das sonoras
Bafagens tuas, Hespero, e do hume
Tremulo e sismador dos longes astros,
Não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá n'outra ilade, entre homens simples,
Colono, pescador, monteiro, artista,
De mão a mão seus commodos trocavam,
Tal dura e durará commercio nosso.
Irmãs, e não rivais, as Artes Bellas
Apertem mais e mais seus mutuos laços:
Sua origem commum, seus fins os mesmos
Impõe-lhes lei de amar-se, unir esforços,
Um as outras realçar o encanto.
Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;
Em nome, em fórma varia é uma a essencia;
A belleza, a verdade, aneirão todas:
Pinta o Meonio, poetisa Apelles,
Phidias derrama em marmore a harmonia,
Orpheo nos magos sons esculpe os Deoses.
Não ha mais que um só Deos, uma verdade,
Uma belleza só: mostra-la em cores,
Em figuras, em sons, em frases podes:
São cultos de um só nome em linguas varias.
A amendoeira em flor é primavera,
Primavera é como ella o ceo macio,
Primavera a violeta, os ninhos novos.
Unica e pura a interna luz do engenho
Dos sentidos no prisma se refrange,
E sae cambiada em fulgidos matises.
Como as cores são luz, são estro as Artes.
De nossa industria os frutos permutemos.
O mago teu pincel doou-me aos evos;
Se os versos meus aos evos resistirem,
Nos versos meus reflorirá teu nome.

Ah! não poder eu mais...! qual tu meu todo.
A' estampadora pedra o confiaste,
Capaz de confundir maternos olhos,
Não poder eu tambem pintar no metro.
Genio, vida, expressão, fisionomia
De quadros, onde a mente aos olhos falla.
Desigual foi com nosco a natureza:
Amante seu feliz tu gosas d'ella,
Abraça-la com extasi, sorri-te,
Descobre-te um a um seus mil encantos,
E como se um tal bem não fosse immenso,
Diz-te, = Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
D'onde os gostos extraes, extráe a gloria. =
Não assim eu: eu busco-a, ella se occulta;
Chamo-a, invoco, ou não vem, ou só de longe
Fugaz e esquivo se entre-mostra, e passa,
Como visão por sonhos vaporosos;
Como scena confusa e namorada
De já perdido livro; como idéia
Da mui longinqua infancia, que inda a mede
Por sob as cãs revoa ao pé das urnas;
Ou como o astro da noite em selva umbrosa;

Ou como as vozes de um serão do estio,
Quando da aldeia as virações as levão
Soltas e vagas ao curioso ouvido
De erradito viandante; ou como o vulto
De ingrata amada em vão, que evita encontros,
Leve através das arvores refoge
Sem deixar mais de si que a viva imagem
D'alva roupa esvoaçada e gostos idos.
Realiso as que a Grecia fabulára
Impaciências do Alpheo, quando entre as nevoas
Doido de amor, frenetico, debalde
A vedada Arethusa andou buscando;
"Ninfa, vi-te, clamava, ai! quero ver-te,"
E o ai, com que as florestas apiedava,
Não apiedava o coração da isenta.
A' beira de suas aguas fugitivas
Depois cansado e triste ia encostar-se
A procurar pelo animo saudoso
Que feições enxergou, quaes poderiam
Ser as mais que não vio; compunha-a toda,
Bella sim, mas fantastica; e por ella
Com longo affecto os echos entrelinha.

Por isso ninguém peça inteiro canto
Na harpa quebrada! A voz de outras Poetas
Que o solte; não me assombra: a solfa inteira
Perante os olhos seus se desenrola.
Minha harpa incerta em solidões por noite,
Não apontados sons pendente exhala,
A capricho de um zephíro que adeja.
De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates
E dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo,
(Pelo seu estro o juro; immensa jura!)
Tas não subiram, se ás geladas trevas
Desde a infancia atro Genio os condemnára.

Manhã da alma existencia, oh! como alegre
Me alvoreceste! Oh! plena luz, enlevo
De que o minimo insecto ignaro gosa,
Riquesa, de que é rico o mundo inteiro,
Luz, com prodiga mão dos ceos lançada,
Vida, belezsa, Luz! palavra etherea,
A unica de um Deos no grão momento,
Em que ao formado mundo erguia o panno;
Luz, Luz, eu te gosei na infancia minha:
Gosei!... quem, te possui gosa-te acaso?
Não; prodigo, indifferente, como todos,
Vi-te, desperdicei-te. Ah! quem me dera
D'essas horas douradas um minuto,
Uma só gota d'essas fontes amplas
Por este areal tão secco! Oh! com que sede
N'esse momento me vingára de annos!
Que joias no poetico thesouro
Avido para um seculo ajuntára!
Como ás imagens pallidas, que á força
Te arranco, ó natureza, como arranca
O ouro entre feses duro escravo á mina,
Como a tantas imagens desbotadas,
Rico legado do minino ao homem,
Revivera o matiz, o fogo, o lustre!
Então, para pintar florestas, mares,
Não precisára de espreitar confuso
Um ramo a folha e folha, ou já no cópo
Agil movido o rutilar da limpha.
Se ouvisse descrever a magestade
D'um rosto varonil, de uma formosa
O encanto, de um minino as graças lindas,
Tudo isso o variára a mente facil:

O aspecto do varão nem sempre fôra
A paternal presença; além de Amalia,
De meus brincos pueris ligeira socia,
Mais formosas houvera, e mais formosos
Anjos mortaes que o meu gentil do espelho
D'olhos tão vivos, tão corado aspecto,
Riso tão doce, e que eu amava tanto...
Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!
Se o mar, se o ceo, se os campos se me esquivão,
Rôla a mente em seu mundo infindos mares,
Campos lhe alastra de opulencia estranha,
Circumvolve-o de ceos fervendo em astros.
Tal de Agenor o filho a Patria perde;
Mas se lei deshumana o lança em fuga,
Oraculo Febeo condu-lo a thronos:
Por Tiro que perdeu lá funda Thebas,
A de cem portas nos canoros muros.
Mas a patria... era a patria; aquella Tiro...
Era a Tiro da infancia; o solio, Thebas,
O Elísio, o Olympo mesmo a não valeram.
Feliz o para quem dá vida as portas
Se lhe abriam sem luz! Só tem metade
Do humano apego ao mundo e horror á morte:
Não vio, chupando o leite, o seio amigo,
O sorrir brando, os olhos, e nos olhos
O coração materno: as irmãs suas
Não foram mais que uns sons, a rosa um cheiro,
Movimento o passeio, o sol quentura,
Um monte, a estiva noite, as Graças nada.
Longe outra vez, e para sempre longe,
Saudades vãs, desejos vãos e acerbos!
Que me importão canções? que outrem descreva
Com mais proprio matiz do mundo os quadros?
Que tenha ou não mais azas para um vôo?
Que importa que um volume de poesia
Seja um thesouro para mim sem chave?
E que dos seios do animo rebentem
Meus versos caudalosos, sem que eu possa
Co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
Por onde avidas paginas inundem?
Não me rege inda a luz os cautos passos?
Não me tinge inda ao perto as varias formas?
Livros... pluma... olhos meus e dextra minha
Quando jamais n'outro eu me falleceram,
N'outro eu, onde os ameí e os amo em dobro?
Graças a amor! á natureza graças!
Logrei constante, e logrei perpetuo
Nos leões fraternaes consorcio d'almas,
Nos de Hymeneo fraternidade nova:
Meu ente n'estes entes se completa,
Já Bardo sou tambem... saí, meus versos!
Pura mão, dom dos ceos que eu pago em beijos,
Solicita vos abre ao mundo a estrada;
Saí, voai; da gratidão fervente
Aos olhos de Sendim levari meus votos.

Antonio Feliciano de CASTILHO.

A MADRUGADA NO PORTO.

Hail holy Light, offspring of Heav'n first born
Or of th'Eternal coeternal beam!

Milton — *Paradise Lost* — B. 3.^a

O Captor do Jardim trinou trez vezes
A' Luz Oriental, que os Ceos cobria...
Repetidos gorgeios entoaram:
= Hossana ao Deus do Dia! =

O Arvoredo estremece; a flôr sorri-se;
O Reino vegetal todo desperta;
E dos gratos aromas matutinos
Tributa a Deus a offerta —

E o homem o que faz? ... Os ferreos tubos,
Que vomitam a morte nos aponta...
E porque? — Porque insiste em ser escravo;
Gloria-se da affronta...

Do projectil o baque fragoroso
Morte, destruição longe derrama;
Rí malevolo Bonzo; e o assassino
— Religião — proclama.

— Matai vossos Irmãos; vossos amigos,
Que vos querem trazer as Liberdades!...
Deus manda exterminar os homens livres;
— Assolar as Cidades —

O fallaz Fanatismo assim troveja;
E os Lares da innocencia aponta ás cohortes —
— Fulminai-os!... Seu sacco vos pertence;
— Se o compraes com mil mortes... —

A turba vil dos avidos Soldados
Cumprê dos monstros a Sentença impia...
Eterno Deus, dest'arte é que começa
O homem o teu dja!

Não pode o Quadro, a voz da Natureza
Abrandar seu mal-feito coração!...
Em vez de — Hossanas — dá-te mil blasphemias!
Dá-lhe Tu maldição!...

Que disse!... Não, meu Deus; que elle é teu Filho!
Não lhe dês maldição!... Dá-lhe a — verdade —
Se elle Te conhecer, ha-de por força
Amar a Liberdade. —

A Liberdade! O dom mais precioso,
Que o homem recebeu das mãos do Eterno!
Em vão lhe oppõem o Frade a falsa imagem
D'um material Inferno:

O verdadeiro inferno está no seio
Dos que assim te praguejam, Deus dos Entes;
Almas, que ignoram o prazer suave
Das almas innocentès....

Que gosam estes n'uma madrugada?...
São talvez dos remorsos os momentos:
Em quanto eu Te bendigo entre auras puras
Elles soffrem tormentos....

Seus Orgãos, embotados pelo crime,
Repellem, Natureza, os teus favores:
Para elles as Aves estão mudas;
Não tem perfume as flores. —

Mofna condição! Quanto os lamento! —
Mas que é isto! — uma maca ensanguentada! —
Conduz uma Viuva, de uma bomba
Alli despedaçada!...

E os filhinhos á porta estão chorando!...
Monstros cruéis!... Verdugos sanguinosos!
E eu lamentallos ía, a Deus pedindo
Que os fizesse ditozos!...

Não — Que o bem ser consiste na virtude,
Carnificinas vis, roaz Abutre
(Remorso assustador) nessas entranhas
De continuo se nutre...

Folgaes... mas a alegria é illusoria:
Momentos bachanaes vos são minguaos
Nas horas do silencio, em que eu repouso
Vós velaes anciados...

Em quanto em torno a mim adeja esperança
Gira em torno de vós o horror, o susto —
Deus vos abandonou do Averno ás fúrias,
Bando aggressor, injusto. —

Mortes, incendios, roubos provocando
Hoje a Taça esgotaes da iniquidade,
Serão de raiva as fêzes, quando virdes
Triumphar a Liberdade...

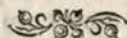
E eu que á sombra dos Myrthos, e Rozeiras
Elevo a Deus meu puro coração;
Que entre o Canto das Aves lhe submetto
Minha tribulação;

Eu entoarei o Hymno do Triunfo —
Gloria a Deus nos meus versos será dada —
Prestará ao meu Canto alegre influxo
Serena Madrugada.

J. J. Lopes de LIMA.

A madrugada no Porto — foi improvisada em uma bella madrugada de Maio de 1833 junto a um jardim, aonde um melro chamou a attenção do A. saudando a aurora com 3 trindades, a que responderam com multiplicados gorgeios todos os passarinhos d'arredor; — em quanto as baterias Miguelistas assolavam a Cidade inteira com um horroroso bombardeamento.

Acerca da Pessoa do Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, e da seguinte sua Obra = Da Origem e Progressos da Poesia de Portugal = Nota, de Antonio Feliciano de Castilho.



A Sociedade dos Amigos das Letras, como aquella que mais ancêa servir á publica instrucção, do que se paga de vaidades, gostosa abre campo no seu Jornal a um Escrito não só alheio senão posthumo, mas com o qual vai certa das approvações e ainda agradecimentos dos entendidos. Porém, porque inteiramente não pareça ser-lhe estranha a presente Obra, de portuguez é ella com quem alguns dos Socios tiveram mui travadas e intimas relações, de um verdadeiro Amigo das Letras, que se ainda hoje vivera, sem falta alguma lhe honraria com seu nome a lista, e com seu amplissimo saber a illustrára; accrescendo que este magnifico thesouro o houve a Sociedade pela muito serviçal diligencia e favor do seu consocio o Exm.^o Sr. D. Vasco Pinto de Balsemão, que hoje occupa o honroso e merecido cargo de Bibliothecario Mór da Livraria Publica de Lisboa, que o mesmo Autor, de quem nos cabe fallar, por largos annos occupára, e por onde não só este mas outros muitos seus manuscritos ficaram legados á mesma Livraria, na qual se conservam. —

E posto que o escrever de Varão tão conhecido dentro e fóra d'este Reino, qual foi o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, já possa a muitos parecer escusado, o deixar de o fazer, mais que seja por alto, nem a oportunidade da occasião mo-consente, nem menos mo consentiria o gosto que sempre do refrescar essas memorias me resulta; por quanto na primavera de minha vida, e primeira manhã de minha poesia, foi que a boa de minha fortuna me deu conhecer este Nestor de nossa Litteratura, que já en-

tão, ao cabo da sua longa e proveitosa carreira, ornado de muitos meritos de sciencias e virtudes, respeitado e apontado de longe, pousava sereno e magestoso aguardando pela sua hora, á beira da eternidade.

Que fosse nascido nas terras do Douro, donde lhe prouve tomar nome de Elpino Duriense; que fizesse com bons mestres seus estudos; que se tornasse, lendo na Universidade de Coimbra, um de seus mais lustruosos luminares; que na Igreja e no Estado occupasse mui subidos empregos; que fosse o amigo e centro de quantos bons engenhos em seu tempo floresceram, não falta quem o escreva entre seus outros muitos louvores. Tão pouco me deterei dispartindo entre a Jurisprudencia, a Historia, as Antiguidades, a Litteratura, e a Poesia o opulentissimo cathalogo de suas Obras, cuja maxima e por ventura optima parte, ainda até agora não viu a luz. Não hão de ser mãos tão debeis como ás minhas as que revolvam tamanhos trofeos, nem em tão pequeno espaço como este coubera retratar completo Homem que abrangue duas idades, bemfazendo-as mutuamente a uma pela outra, anticipando em meio do seculo passado o gosto, o apuro, a filosofia deste nosso; transplantando para o presente o estudo, a boa fé, o saber do passado; e legando ao futuro thesouros que andou desencantando das antiguidades remotissimas. Menos arremessados são meus desejos, e mais seguros, que só quero antes de dizer duas palavras acerca d'estas suas *Origens e Progressos da Poesia de Portugal*, levar meus leitores a com este bom velho encetarem conhecimento.

Corre a primavera do anno de 1814 ou 15, que eu certo o não sei. A morada de Elpino, que em um dos mais desafrontados altos de Lisboa está formosamente situada, longe do bolicio, como bem cabia á sua indole pacifica e genio estudioso, é um templo de Musas, religiosamente vedado aos olhos e vozes de profanos, isto é dos

mãos e ignorantes, únicos de todos os entes para quem sua porta e animo não eram hospedeiros. Por aquellas salas gravemente ataviadas á laia dos nossos antigos, de sedas e arrazes, alcatifas, tremós, espaldares e soberbos quadros dos mais perigrinos pintores, reina o silencio, e uma lembrança dos antigos e abundosos tempos de nossos avós, que tanto conforma com os nobres e patrióticos pensamentos de suas poesias, as quaes se raras vezes voam sublimes, nunca nem por sombras, desmentem da boa moral e sã filosofia. Aqui o bom Elpino nos recebe cordialmente, a meus irmãos e a mim; os filhos do seu amigo são seus amigos, os estudiosos das Musas portuguezas e romanas são os seus amores. O ancião, que ainda entre sabios podéra ser ouvido como oraculo, remoe-se conversando com meninos, apouca-se para que o melhor comprehendam, orna-lhes a moral e o estudo com quantas flores sabe; do centro da gloria lhes ensina por onde se abre o caminho que para lá conduz, e pelo grande espirito e persuasão com que falla talvez consegue criar algumas vehementes vocações litterarias: outras vezes nos convida para a bibliotheca, suas dilicias, e nos acompanha com a alegria na bocca. Os seus olhos, como que ao fim de tanto lér já quizessem em fim descansar para sempre, não lhe alumiam o caminho, e similhante áquelle grande Bardo Ossian, a quem velho e cego, piedosa conduzia a moça Malvina para os logares usados de sua inspiração, no hombro de uma menina sua afilhada e leitora segurava o bom de Elpino uma das mãos, em quanto com a outra arrimado a um bordão, palpava o caminho, e se ajudava em seu quebrado andar.

Era a bibliotheca o intimo retiro d'este hermitão do Parnaso, fugida para longe das casas posto que tão quietas, e frescamente assentada em meio de muitas sombras, verduras e aromas de seu jardim, hortas e pomares. Grandissima copia de livros,

longamente procurados e custosamente juntos, e entre os quaes se estre-mavam no numero e riqueza os Gregos, os Romanos, e os antigos Portuguezes, ali estavam juntos, entre o susurro estudioso das ramas e os cantares descuidosos dos passaros. Um Apollo de marmore com a sua lira em punho, parecia estar-se mui bem cabido e contente no meio d'aquelle seu alcagar, cercado de tantos seus cultores, servido por tão venerando Sacerdote. Lembranças são estas que trago colhidas de minha infancia e que transplanto para aqui, por não querer que se percam.

A'quelle Homem, n'aquellas tardes, e debaixo d'aquelle tecto, devo a grande veneração que ainda hoje consagro aos meus livros Romanos, não poucos dos quaes mos deu elle proprio; e tocados por suas mãos poeticas, me inspiram ainda agora poesia e virtude, até cerrados, e n'elles confio que me hajam de servir de pranchas com que n'este pelago de freneticas e descompostas innovações, me não deixe, como tantos que mais valiam do que eu, totalmente sossobrar. Nos seus ouvidos, indulgentes lançava não só as primicias dos meus versos, mas ainda as traças e esperanças de obras que borbullhavam de uma ceiva virgem de quatorze annos: escutava elle tudo com desvellada benevolencia, umas vezes apontando-me melhores caminhos ou mais faceis, outras desviando-me de commettimentos maiores que meus annos e forças; agora revelando-me regras, logo insinuando-mas com exemplos com que sempre fiel e muito a ponto lhe acudia a memoria. Não é verdade que ha em tudo isto um não sei que, por onde o que o pratica não pode menos ser que um grande homem? Oxalá meus esforços melhor houvessem respondido a suas diligencias, ou me não houvesse elle desamparado no começo da carreira, para a qual apenas me apparelhara! Sim, porque embora me hajam a vaidade, a gratidão péde que eu publique, foi este Pontifice das

Muzas que me iniciou no seu culto, e no seu paternal entusiasmo me disse = Tu serás poeta. = Scena digna de um pincel eloquente: um ancião coroadado de louros e cego como Homero, sagrando ao culto da mais bella das Artes, um menino cego como elle!

Mas, porque é rasão virmos já a fallar da Obra, deixando em paz o Autor, que mal carece dos meus elogios, digo que por duas maneiras é o presente escrito importantissimo: já pela grande copia e riqueza de linguagem patria em que Elpino excedia, mormente prosando, já pelas muitas curiozas noticias que da nossa antiquissima historia litteraria andou juntando com tanto saber como juizo, com tanto juizo como gosto. E pareceu-nos bem começar por este escrito, por já d'elle correr impresso o principio, cuja boa acolhida nos é abono da que ao total darão agora os entendedores.

Obra de valia faremos a quem nos lê, se forçados a entrar nestas memorias pelo Capitulo III, relatarmos o que se continha nos dous primeiros, estampados em vida do Autor, pela Academia das Sciencias de Lisboa, nas suas Memorias de Litteratura Portugueza Tom. 8. Part. 2. E assim versou o primeiro sobre a *Introdução do uzo da Poesia na Hespanha primitiva, e particularmente na Lusitania — sobre o uzo da Poesia Hespanhola nos tempos da Dominação dos Romanos, e dos Wisigodos — sobre o uzo da Poesia na Hespanha nos tempos da Dominação dos Arabes*. Tudo isto vai dissertado com tamanha copia e erudição, que certo maravilha, e mais, em se bem advertindo quam longes de nós andaram esses seculos, e quam nebulosos nos apparecem. Intitula-se o Capitulo II. *Da Poesia Portuguesa nos Seculos 12 e 13* — não fazendo ali mais do que affirmar por alto como por esses tempos o trato de Portuguezes com Gallegos, os quaes em todas as Hespanhas erão por seus cantares afamados, e a identidade de lin-

gua, que mais não era que uma só em um e outro paiz, tornaram os nossos gente viçosa e dada á Poesia: vindo a ser verdadeiramente tratada a questão de sua epigrafe no Capitulo que sendo o terceiro na obra vem a ser o primeiro n'esta nossa publicação, e ao qual pozemos nós por titulo, que o não tinha, *Dos monumentos mais antigos da Poesia de Portugal nos Seculos XII. e XIII.* De igual licença usamos em muitas outras partes, assentando os convenientes titulos onde fazião mingua, estabelecendo para maior clareza subdivisões aonde o original as não trazia. Quanto ao demais, com religiosa observancia conservamos todas suas idéas, ainda quando não cabalmente se ajustassem com as nossas, e em suas palavras apenas uma ou outra vez ousámos tocar aonde apparecia patente a incuria dos copistas.

Cabe todavia declarar em testemunho de animo sincero, que este compendio de nossa historia litteraria não só em quanto aos tempos é incompleto, como aquelle que já não cursa para aquem do Seculo XV, mas nem em todas suas partes absoluto, sendo assim que em algumas deparamos com paginas em branco, visivelmente destinadas a tratar de autores ou couzas, de que só em titulo se faz menção.

Encerra o total da Obra na copia que temos presente, aonde de letra do Autor só de longe em longe apparecem algumas emendas e additamentos, passante de seiscentas paginas em quarto portuguez, e letra grauda.

Quam muito mereceu de nossa lingua e litteratura, quem da Historia de uma e d'outra assim concebeo e executou a grandiosa traça! Não lhe pôz a mão ultima: porém para a edificação deixou as pedras já arrancadas da mina e afeiçoadas. Se ha ali engenho tão curioso como o seu das letras Humanas, tão devoto das glorias nacionaes; a esse principalmente offerecemos este incentivo, para que dirigindo o seu rumo pelo mesmo esteiro, possa ir lançar ferro muito mais

avante, e em muito mais facéis para-gens do que as por onde discursou com tamanho aproveitamento o nosso Autor.

DA ORIGEM E PROGRESSOS DA POESIA DE PORTUGAL: POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

CAPITULO III.

Dos mais antigos Monumentos de Poesia Portuguesa nos Seculos XII. e XIII.

Aos primeiros tempos da Monarchia, de que estamos fallando, isto é, aos fins do seculo XII e principios do XIII se poderiam talvez reduzir, segundo nossas tradições, os primeiros troços, que apparecem de Poesia Portuguesa, quaes são, dos impressos a canção de Gonçalo Hermigues; as duas Cartas de Egas Moniz Coelho; o fragmento do Poema da perda de Hespanha; e as Cantigas a Goesto Ansur: dos manuscritos o Cancioneiro inedito da Livraria do Real Collegio dos Nobres desta Corte.

E quanto aos documentos já impressos, a constante tradição dos maiores denuncia estas obras por partos de mui subida antiguidade; e como taes se tem havido até agora, correndo entre nós com esta marca.

Estas tradições recolheram os esclarecidos Escriitores Miguel Leitão de Andrade, Fr. Bernardo de Brito, e Manuel de Faria e Sousa, Varões mui respeitaveis em nossa Historia pelos seus escritos e pela sua sabedoria e probidade; que sem embargo de se lhe conhecerem falhas em suas obras, como homens, nunca serão deslustrados pela critica moderna, que pode bem apontar-lhes algumas credulidades e descuidos, mas não fraudes e imposturas.

Leitão refere alguns destes Poemas, e delle os tomou Faria; mas não se pôde dizer, que Leitão os houve to-

dos de Brito, como já o ouvimos dizer; pois que este só traz a 1.^a canção de Hermigues, e as de Goesto Ansur; mas não as Cartas de Egas Moniz, nem o fragmento dos versos da perda de Hespanha; e nem ainda as outras duas tirou Leitão das tradições de Brito, pois em uma dellas se refere a outra origem, como diremos em seu lugar.

Não houve um só escritor entre nós, que impugnasse estas obras, ou as suspeitasse de falsas: nem apparece motivo porque se fingissem, pois que dellas não resultavam privilegios, regalias, direito, ou interesse algum de terceiro, ou gloria da Nação; nem ainda maior honra ao que as houvesse fabricado, ou se desse por seu descobridor.

Nem tambem é de espantar, que naquelles primeiros tempos rudes, e guerreiros da Monarchia, scintillassem já estas faiscas do genio poetico de nossos maiores; porque sabemos, que no mesmo seculo XII como já notamos, poetisava em Aragão D. Afonso II Conde de Barcelona e de Provença, e que havia Poetas em outras partes de nossa Hespanha, sendo um delles o Beneficiado Ubeda, autor do Poema do Cid Campeador em verso grande; poetisava em Alemanha o Imperador Henrique VI, o Rei de Bohemia Vencesláu Henrique, Margrave de Misnia, e Othon Margrave de Brandebourg, e outros mais: (1) e poetisavam muito antes de todos elles nos seculos X e XI os Escaldros da Noruega e da Suecia, de que já fallamos.

Quanto aos Poemas em si, nada apparece nelles, que desdiga daquelles tempos:

1.^o Não ha facto, que nelles se conte, ou se supponha, ou a que se faça allusão, que se ache contraditado pela Historia dos tempos, a que se refere.

2.^o A sua linguagem parece não

(1) Melchior Goldasto tras a lista, e tambem Morhoño na Historia da Poesia pag. 299.

desmentir daquella idade: é um Dialecto meado de Portuguez e Gallego, como então era o que nós fallavamos; não sendo facil apontar um só termo, a que se possa negar aquella ancianidade, e de que se não possa mostrar exemplo em antigos documentos, e escripturas, ou Portuguezas, ou Castelhanas e Gallizianas, ou ainda Latinas, em que entravam de mistura muitos termos do Romance. Se a alguém parecer a linguagem mais tosca que a que se acha nos primeiros documentos que apparecem da Prosa Portugueza, veja e coteje a do antiquissimo Cancioneiro inedito, de que temos ainda de fallar adiante, a qual é mais rude e barbara; e lembrese além disso que os primeiros documentos em vulgar são quasi todos de tempos mais polidos.

3.º O Metro é tambem daquelles tempos, pois que os Castelhanos nossos visinhos já então usaram da medida daquelles versos, e ainda dos de 10 syllabas e de Arte Maior, do que adiante fallaremos.

4.º A Rima era já adorno poetico daquellas eras, recebido nas trovas de Espanha, e adoptado ou dos Wisigodos, ou dos Sarracenos, como já dissemos em seu lugar; e ainda diremos adiante.

5.º A Poesia em geral é narrativa, como o foi sempre a da primeira idade dos Poemas entre os povos: é natural, simples, singella e desordenada, como ainda nascente no paiz; não tem um enfeite, uma só gala, que dê ares da policia e cortesia de seculos mais modernos; antes se resente nas suas composições da imperfeição, que costuma sempre acompanhar os primeiros passos, que se dão em qualquer Arte. A sua Lyra mostra bem, que não tinha ainda todas as cordas, nem bem afinadas essas mesmas que já tinha; e a mão do artifice ainda pouco firme e assentada inculca os começos de uma Arte, que não podia ainda ter toda a sua destreza e consistencia.

Se no meio de todas estas reflexões,

que apontamos em abono destas obras, nos quizerem oppôr o silencio dos antigos, quem nos prohibe, que repõhamos tambem, que não basta? Muitos documentos legitimos se vão ainda agora descobrindo, que jaseram por muitos seculos em total esquecimento: e se este fado correram escripturas historiaes e juridicas, de que resultavam direitos ou regalias, que muito que tambem e ainda mais o experimentassem, as Poesias volantes daquelles tempos, que menos interessavam, e que mais se recitavam, do que se escreviam! De mais; quantas cousas nos ficaram em tradição, sem se redusirem a escriptura, que foram passando de pais a filhos? E quantas outras em nossos dias se tem feito, que se não escrevem; e todavia nossos netos as saberão de nós, que as vimos, e lhas contamos, e delles as receberão os mais vindouros, sem outro algum meio, que o da viva voz tradicional, que as propagar! Os Biscainhos, os Irlandezes e os Escocozes, maiormente os das montanhas, tem uma parte das cousas historiaes de suas gentes em viva tradição vocal, que debalde se buscam na sua Historia escrita; as quaes elles conservam em varias canções, e cantigas, que aprendem e cantam de memoria!

Porque se faça algum conceito destes primeiros Poemas, não duvidaremos de os pôr neste lugar e de os illustrar não em tudo, que não podemos, nem sabemos, mas em parte, e até onde chegarem nossas forças; ajuntando-lhe no fim de todos elles algumas notas Historicas, Criticas e Filologicas, que os possam faser mais entendidos, do que ora são; e occorrer a algumas duvidas, que possa haver nas suas clausulas. O Leitor delicado e melindroso não se enfastie de umas Musas, que parecem hoje rusticas, e grosseiras, como chamava Horacio aos rudes versos dos Augures, e aos poemas de Appio Celso (Epist. I. Lib. II.) Ainda que estas pegas se hajam agora por todas e chacotas villanescas, mais do

que canções de artificiosa compostura, por certo que eram cousas mui polidas para aquelles tempos, e para a linguagem, que então corria; e são sempre monumentos de nossos maiores, qualquer que seja a sua idade, e a sua origem, que muito merecem por si mesmos todo o nosso respeito, e estimação.

(Continuar-ha.)



MEMORIA

SOBRE A PROVINCIA DAS ILHAS DE CABO-VERDE

(Continuada do n.º antecedente.)



Relação das Embarcações pertencentes á Fazenda Nacional, destinadas ao Serviço da Provincia.

Escaler grande de 10 remos	1
Lanchas	2
Saveiros: 1 grande, e outro pequeno	2
Escuna Princesa Real de 80 toneladas	1
Somma	6

Ha alguma Maruja para uso, e conservação d'estas Embarcações.

Naturalista Feijó.

Por Aviso de 3 de Janeiro de 1783 mandou S. Magestade para as Ilhas de C. V. o Naturalista João da Silva Feijó com o ordenado de 400\$ rs. por anno; pagando-se-lhe de fóra parte as despesas de viagem, comedorias &c. assim de Lisboa para as Ilhas, como de umas para outras, e em todas as suas correições. Impunha-se a este Naturalista examinar, e descrever tudo que houvesse nas Ilhas relativo á Historia Natural; recolher,

preparar, e remetter para a Côrte o que de tal fosse digno.

Demorou-se por aqui muitos annos; e fez muitas remessas para Lisboa.

Degradados.

Com Provisão do Erario do 1.º de Março de 1794, e com instrumentos de lavoura, e sementes, de que em outra parte farei menção foram enviados de Lisboa 19 Degradados; a saber:

Lavradores	7
Boieiro	1
Pastores	5
Valador	1
Pescadores	2
Pedreiro	1
Carpinteiro	1
Cirurgião	1
Somma	19

Em Junho do mesmo anno não existia já um só d'estes Degradados; tinham fugido todos em Navios Estrangeiros.

Com Provisão do Erario de 12 de Abril do mesmo anno de 1794 foram enviados para a Provincia de C. V. mais 44 Degradados, a saber:

Ciganos	8
Carpinteiro de machado	1
Trabalhadores de enxada	23
Cosinheiro	1
Mogo do Forno	1
Sapateiros	2
Lavradores	3
Moleiro	1
Alfaiate	1
Boieiro	1
Pastores	2
Somma	44

Nenhuma utilidade igualmente se tirou d'esta nova leva de gente.

Pelo anno de 1813 os Degradados tomáram em uma noite no porto da Villa da Praia, da Ilha de S. Thiago um navio, que ali estava ancorado,

houve noticia. Pouco depois uma Escuna Americana carregada de sal, passageiros, e escravos, foi no mesmo porto roubada por outros Degradados, que n'ella fugiram, escapando unicamente o Piloto que depois de muito maltratado saltou ao mar, e salvou-se a nado. Por duas vezes a Escuna Princeza Real, pertencente á Fazenda Nacional da Provincia esteve a ponto de ser roubada, e levada igualmente por Degradados. A ultima foi já n'este anno, pouco antes que eu aqui arribasse. Os Degradados que iam cometer aquelle crime foram prezos, e ainda o estão.

Estes, e muitos outros factos d'esta natureza tem obrigado a formar nas Ilhas a opinião de que de Degradados não se podem esperar se não males.

Conviria distribuir os Degradados, um só a cada Lavrador pelo interior das Ilhas, havendo sobre elles uma constante vigilancia.

Livros mandados para Cabo Verde.

Com Avizo de 24 de Dezembro de 1782, 4 Exemplares das Instrucções aos Correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa, impressas em 1781.

Com Avizo de 17 de Fevereiro de 1786 Livros de Cirurgia, ordenando que se conservassem no Hospital debaixo da responsabilidade, e para uso do Cirurgião.

Com Aviso de 28 de Janeiro de 1798.

Memoria sobre o Loureiro Cinamomo, ou Canelleira de Ceilão por Manuel Jacintho Nogueira da Gama.

Memoria sobre a Canelleira para acompanhar a remessa das plantas de canella.

Memoria sobre a reforma dos alambiques por João Manso Ferreira.

Methodo de preparar a Cochenilha.

Memoria sobre o salitre.

Exposiçam d'um novo remedio cu-

rativo, e preservativo da peste pelo Conde de Berchtold.

Descripçam da Quinaquina.

Memoria sobre a pratica de se fazer o salitre.

No anno de 1801 com a semente do Tabaco Virginia um folheto sobre o methodo de a cultivar.

Antecedentemente, e por Aviso de 4 de Janeiro de 1798 tinha-se recomendado a economia da lenha particularmente nas fornalhas dos Engenhos de assucar: inculcando o methodo de queimar as canas já moidas, como praticam os Ingлезes, e Francezes nas Antilhas; devendo trabalhar-se em persuadir as Camaras que estabeleçam Premios para aquelles Agricultores, que primeiro as introdusirem.

Instrumentos de Cirurgia.

Com Aviso de 17 de Fevereiro de 1786 foram remettidos para as Ilhas Instrumentos de Cirurgia, ordenando-se que se conservassem no Hospital Militar para o Cirurgião poder usar d'elles e tel-os sempre em boa guarda.

Com Provisão do Erario do 1.º de Março de 1794, com muitas outras cousas um jogo de Ferros de Cirurgia os mais necessarios, e um estojo de lancetas.

Instrumentos de Lavoura.

Com Provisão do Erario do 1.º de Março de 1794 mandaram-se juntamente com Degradados, sómente os seguintes intrumentos.

Arados com suas grades, e mais pertences	6
Charruas com os seus respectivos preparos	2
Aravessas com ditos	2
Fouces de ceifar, e Roçadouras..	24

Extracto do modo de se fazer o salitre nas Fabricas do Tabaco da Virginia.

Baldes	12
Jôgo das ferramentas essenciaes para o officio de carpinteiro	1
Dito das de officio de Pedreiro com 2 colheres de mais	1
Ditos de navalhas de barbear	2
Albardas com seus aparelhos, enxergas, e cordas de enquerer	4
Cabrestos	2
Machados	24
Enxadas	24
Picaretas	24
Alavancas	25
Camartellos	7
Picadeira	1
Aguilhadas preparadas	2
Apparelho de pescania	1

Botica.

Com Aviso de 15 de Janeiro de 1787 remetteu-se para as Ilhas uma Botica, que se devia conservar no Hospital Militar.

Sementes, e plantas mandadas para C. V.

Pelo anno de 1790 mandaram-se, por ordem de S. Magestade para a Ilha de S. Thiago, alguns saccoes de semente de canhamo: não se chegou a semear, nem se sabe em consequencia o que viria a acontecer-lhe.

Com Provisão do Erario do 1.º de Março de 1794 mandou-se o seguinte.

Trigo: alqueires	12
Sevada: ditos	12
Milho: ditos	9
Feijão branco redondo: ditos	6
Ditos Fradinhos: ditos	3
Favãs: ditos	6
Ervilhas: ditos	4
Grãos de bico: ditos	2

Com estas sementes, etambem com muitos instrumentos de lavoura, 19 Degradados, a maior parte d'elles peritos em cousas de Agricultura, julgou-se que se poderiam pôr em pra-

tica os trabalhos da lavoura do mesmo modo que se observa nas Provincias de Portugal: e deram-se na mesma Provisão providencias adoptadas a segurar este Estabelecimento. Porém desgrazadamente dentro em 2 ou 3 mezes tinham fugido todos os Degradados, e não se sabe que applicação, ou fim tivessem os instrumentos de lavoura, e as sementes.

Antes disto, já o Sargento Mór João d'Espinola tinha trasido tambem de Lisboa alguns instrumentos de lavoura, e algumas sementes, cousas de que não achei outra lembrança se não que o trigo foi semeado em terra regadia da Ilha de S. Thiago, nasceu bem, criou espiga, mas encheo-se de ferrugem, não produziu.

Tambem me constou que o Coronel Joaquim José Pereira ali tinha semeado cevada nos mezes das aguas, cresceu até um palmo, e morreu.

Com Aviso de 4 de Janeiro de 1799 as seguintes sementes: Alfarrobeira, *Ceratonia Siliqua*; foram semeadas na Ribeira de S. Francisco Abaixo, nasceram, tem crescido, florecem mas não frutificam.

Asereiro, *Prunus Lusitanica*. Não acho noticia desta arvore nas Ilhas, não sei o que se fez á semente.

Asinheira, *Quercus Ilex*. Perdeu-se.

Aveleira, *Coryllus avellana*. Perdeu-se.

Carrasco, *Quercus coccifera*. Perdeu-se.

Castanheiro, *Fagus castanea*. Perdeu-se.

Dito da India, *Aesculus Hippocastanum*. Não acho noticia desta.

Cedro d'Hespanha, *Juniperus oxycedrus*. Nem desta.

Cipreste, *Cupressus semper virens*. Nem desta.

Freixo, *Fraxinus excelsior*. Nem desta.

Baganha, *Gledifchia triacanthos*. Nem desta.

Lodão, *Celtis australis*. Nem desta.

Loureiro, *Laurus nobilis*. Diz a relação, que tenho á vista que esta

semente se perdeu; mas na Ilha de S. Thiago ha esta arvore na Ribeira de Santa Anna, Freguezia de S. João, 5 legoas da Villa da Praia. — Na Ribeira de S. Martinho, 2 legoas distante da mesma Villa — e na Ribeira dos Orgãos, 6 legoas da dita Villa.

Olaia, *Cercis siliquastrum*.

Nogueira, *Juglans Regia*. Feliciano Antonio da Villa da Praia na Ilha de S. Thiago semeou em S. Martinho Pequeno, nasceu, mas não prosperou. Ao Sargento Mór João da Silva Serra succedeu-lhe o mesmo na sua Ribeira de S. Francisco Abaixo.

Pinheiro bravo, *Pinus Sylvestris*. Nasceu mas não prosperou. Morreram pela maior parte na altura de um palmo.

Sovereiro, *Quercus Suber*. Perdeuse.

Canhamo. — Não se chegou a semear.

Castanhas — Succedeu-lhes o mesmo que ao Pinheiro.

Com Provisão da Junta da Fazenda da Marinha de 12 de Janeiro de 1799 mandou-se animar a agricultura dos pinhaes, e remeteu-se um moio de pinhão para semear.

Com Aviso de 19 de Outubro de 1799 remeteu-se para o mesmo fim o cedro do Bussaco, *Cupressus glauca*.

No anno de 1801 remeteu-se para as Ilhas a semente do Tabaco Virginia com o folheto sobre o methodo de o cultivar.

Bem demonstrado fica o desvelo, com que se tem procurado introduzir na Provincia de C. V. a cultura de Portugal: tudo porém se tem perdido por falta de methodo sobre este objecto, pelo qual alguma Autoridade devia ser responsavel.

Para as experiencias de C. V. melhor conviriam sementes, que houver na Ilha da Madeira, e melhor ainda nas Canarias: são climas mais semelhantes ao de C. V. que o de Portugal: as plantas, que ali estiverem aclimatadas pouco lhes faltará para o estarem tambem nas Ilhas de C. V. Na Ilha de S. Thiago ha alfarro-

beiras, que fructificam bem, e as da semente, que veio de Lisboa, florescem, mas não chegaram ainda a fructificar.

Cavillos e Egoas.

Em todas as Ilhas ha mais, ou menos gado cavallar, nas mais dellas ha muito. Os de melhor qualidade são os da Ilha de S. Nicoláo, e do Fogo, bem que todos elles são pequenos. Andam todos desferrados, ainda aquelles de que se faz uso para Cavallaria: mesmo os cavalos do Regimento são desferrados. Não obstante, ou talvez por isso, fazem grandes jornadas por caminhos mui asperos, mui pedregosos, e ladeiras mui ingremes, sem pôrem uma mão mal, e mui seguros.

Por Provisão da Junta da Fazenda da Marinha de 12 de Janeiro de 1799, mandou-se remetter das Ilhas para o Reino o maior numero de cavallos, para que na pratica desta tentativa se conhecesse a utilidade, que de tal especulação poderia resultar. No anno de 1811 foram transportados das Ilhas para Lisboa vinte e tantos cavallos para a Cavallaria do Exercito, que não chegaram a servir para os Regimentos por pequenos. Todos foram dados por seus donos gratuitamente, recebendo estes uma medalha com a Effigie de S. M. e no inverso esta Inscriptam:

P R E M I O

FIDELIDADE.

Quem dava um só cavallo recebia uma medalha branca de prata, e quem dava dous, ou mais recebia a dourada, em todo o caso com uma argolla: em funções alguns se servem ainda hoje destas medalhas ao peito, pendentes por fitas, como as da ordem de Christo.

Sua Magestade mandou em 1812

transportar de Portugal para as Ilhas dous bons cavallos para Pais; e em Novembro de 1814 seis egoas de bom corpo; destas morreu uma na viagem, outra no momento do desembarque, e tem morrido mais 3 até agora sem successam: de sorte que das 6 só resta uma em poder do Ajudante de Cavallaria João Soares Vieira da Villa da Praia na Ilha de S. Thiago. Eu a vi hoje, 24 de Setembro de 1818 com duas crias filhas dos cavallos, que vieram de Portugal. A Mãe é já muito velha, e feia: das crias uma é poldra de 18 mezes, e em corpo, e em todos os sinaes superior a todo o elogio; e um poldro de 8 dias mui lindo. Algumas egoas do Paiz se tem coberto com os 2 cavallos Pais, mas poucas, e tanto sem ordem, que se não sabe de nenhum resultado.

Começa-se pois a conhecer que as Ilhas de C. V. podem faser-se um grande manancial de cavallos para o Exercito. Este objecto porém precisa de methodo, e ordem, que até agora inteiramente lhe falta, e de nenhuma difficuldade é.

Para melhorar, e aperfeiçoar com brevidade a raça em todas as Ilhas não havia mais que pôr um, ou dous cavallos Pais em cada uma dellas; mandar castrar todos os indigenos, e tambem os que forem nascendo antes das raças se acharem perfeitamente apuradas, e offerecer aquelles para a cobrição das egoas, que se quisessem de criação. Como as egoas se cobrem, e parem em todas as Ilhas em todo o anno, podiam os cavallos Pais correr toda a Ilha, demorando-se 8, ou 15 dias em cada uma das Freguesias, arranjando-se de maneira que a mesma pequena despesa, que com isto se fizesse não fosse á custa da Fazenda Nacional. Para maior simplicidade, e segurança poderia emprender-se esta operacão em uma só Ilha a mais pequena, e de menos gado; e assim mesmo deveria antes de emprender-se, persuadir aos mais sensatos e ricos, das vantagens que com ella se procuravam para as Ilhas,

a fim de que elles auxiliassem com a palavra, e com o exemplo, e seriam logo seguidos.

Um cavallo *Arabe*, que se podia conseguir em *Gambia*, posto em Bisáu ficaria em 100\$000 rs. Disem que são mais ligeiros, e fortes, mas não de maior grandesa que os nossos de Portugal. (d)

Os burros das Ilhas, aquelles mesmos, que cobrem as egoas, são mui pequenos; por isso os machos, e mulas o são tambem. O que da mesma sorte carece providencias.

Ilha de S. Thiago.

E' a Capital de toda a Provincia das Ilhas de C. V., e mais conhecida entre os habitantes do resto da Capitania pelo mesmo nome de C. V. do que pelo de S. Thiago. Tem 18 legoas de comprido, e 8 de sua maior largura.

Esta Ilha tem dous Portos principaes, um na *Cidade da Ribeira Grande*, e outro na *Villa da Praia*, ambos no Sul da Ilha. No da Cidade surgem os Navios em 12, e 15 braças, pouco distante de uns cachopos, que se levantam em fórma de Ilheotes (que nestas Ilhas se chamam Ilheos.) Este Porto é perigoso pela pouca segurança das amarras, que se cortam por ter todo o fundo de pedras, além de muitas fateixas, que ali ha, e de umas correntes de ferro, que ali ficaram dos Navios da Companhia do Grão-Pará, e Maranhão; que usava de correntes com espias para a segurança, e amarradouro dos Navios, apodeceram as cortiças, e caíram as correntes ao fundo, que por essa razão ficou muito mais perigoso. Entre os cachopos, e a praia

(d) A criação de Cavallos, e Egoas poderia prosperar, como diz o A., se não fosse a magresa dos pastos em geral destas Ilhas: — mas a experiencia tem provado, que ou Cavallos Arabes, ou quaesquer outros aborigenas definham, e morrem ali sem faserem raça. (L. de L.)

podem surgir embarcações pequenas, bem que essas mesmas com algum perigo.

O porto da Villa da Praia não só é melhor que o da Cidade, mas é muito bom e seguro para todo o tempo de brisa, bem que arriscado para o tempo das agoas, em rasão de soprar ordinariamente naquelle tempo, e ás vezes tempestuosos ventos do Sul, com os quaes não só se não pôde sair, mas tem rebentado amarras, e dado navios á costa. Este porto da Villa da Praia é uma bahia; que tem quasi uma legoa de largo de ponta á ponta, entrando pela terra dentro pouco menos de meia legoa. Tem um surgidouro de 8 até 10 braças, de areia, aonde podem ancorar 50 navios, e mais: é todo limpo, excepto uma restinga, que cáe da ponta d'O., da qual se deve guardar quem navega para a Cidade, que fica a perto de 3 legoas a O. da Villa. — Esta restinga chama-se = a Ponte da Temerosa. =

Este porto tem uma praia linda, e mui commodá, chamada a *Praia Grande*, que é uma lomba d'areia, em que as ondas quebram já mui frouxamente; e que separa o mar de um pantano, que se acha a NO. da mesma lomba, no qual se ajunta, e estagna grande quantidade d'agoa, a que o actual Capitão General manda repetidas vezes abrir saída para o mar, que lhe fica inferior.

Ao NE. ha naquelle porto outra praia chamada a *Praia negra*, que pelos rochedos, que tem em certa paragem, chamada *Pedra Fernandes*, offerece bom desembarque desde Outubro até Julho, mas não tão facil no resto do anno em rasão das maiores ondas, que pelos ventos sues quebram na mesma Praia: sendo então preferivel o desembarque na *Praia Grande*. Na *Praia negra* salta-se do bote á pedra, mas na *Praia Grande*, como toda ella é de areia, passa-se ás costas de homens, ou em prancha. Por falta dos necessarios instrumentos, e meios se não tem ainda cons-

truido um caes em alguma d'aquellas praias; o que muito facilitaria o embarque, e desembarque de gente, e fazendas; projecto que o actual Capitão General tem, mas que não pôde ainda verificar.

A defesa do porto da Villa da Praia consiste em cinco baterias, a saber, o *Ilheo* (que fica dentro da bahia, e á esquerda de quem entra,) a *Ponta da temerosa*, a *Mulher branca*, o *Visconde*, e a *Praia negra*. Esta ultima estabelecida pelo Governador da Capitania Marcellino Antonio Bastos, antecessor do actual, bate em frente o porto: e as outras (construidas todas por D. Antonio Coutinho de Lancastre) crusam-se, e flanqueam-no. Além destas baterias ha tambem no porto outras mais antigas, como são o *Forte da Conceição*, a bateria do *Páo da Bandeira*, e o *Cavalleiro*, chamado o *Forte de S. José*. (e)

Entre a *Villa da Praia*, e a *Cidade da Ribeira Grande* ha outro porto a que chamam o porto da *Ribeira Correia*; e a NO. da Cidade outro a que chamam dos *Canigos*. Nestes dous portos porém só podem com segurança ancorar barcos. (f)

A Ilha de S. Thiago tem algumas Ribeiras, em que a agoa nunca seca, bem que só no tempo das chuvas chega ao mar, sendo no tempo da sêcca aproveitada para as regas. As principaes Ribeiras da Ilha são asseguintes com as suas distancias da Villa da Praia; Ribeira de S. Domingos, 3 legoas — R. da Trindade, 11. — R. de S. Martinho, 11. —

(e) Desgraçadamente as fortificações do *Ilheo*, e a do *Cavalleiro* [que protegia o *Ilheo*] as mais importantes, e por ventura sufficientes para defeza do porto, já não existem, nem vestigios dellas, e a da *Praia negra* existe em ruínas. (L. de L.)

(f) Ha ainda o porto do *Tarragal* no NE. da Ilha mui frequentado por Navios de todas as quilhas; e o de *Pedra Badojo* a E. frequentado por Hiates; não fallando em S. Francisco, Porto da Antónia, e outros para barcos. (L. de L.)

R. dos Orgãos, 4 l. — R. da Cidade 2½ l. — R. de S. Francisco, 1 l. — R. de Monfaleiro, 3½ l. — R. de S. João, 4 l. — R. de S. Anna, 3 l. — R. dos Leitões grandes — R. dos Leitões pequenos — R. do Engenho, que é a maior da Ilha, 8 l. — R. da Boa entrada, 8 l.

Esta Ilha tem 54 Vinculos entre Morgados, e Capellas, cujos Administradores tem obrigação de mandar dizer annualmente certo numero de Missas.

Todas aquellas Ribeiras tem alguns moradores, mas Povoações reunidas são poucas: póde dizer-se que a Ilha carece ser aldeada.

As principaes Povoações da Ilha de S. Thiago são a *Villa da Praia*, e a Cidade da *Ribeira Grande*: (g) esta póde dizer-se principal em Edifícios, bem que arruinados; e aquella em gente. Ha tambem *Pinha* de 120 fogos, e *Lentilhano* de 60 fogos. Tratarei em separado 1.º da *Villa da Praia*; 2.º da *Cidade da Ribeira Grande*.

Da Villa da Praia na Ilha de S. Thiago.

Por Alvará de 14 de Agosto de 1612 (póde desconfiar-se desta data, onda publicação, e registro na Provincia, que lí, e se declara ter sido em 1652,) ordenou-se 1.º que se fortificasse a *Villa da Praia*: 2.º que residissem nella o Governador, e o Bispo: 3.º que fossem viver para ali todos os vizinhos do Termo, reedificando todas as casas, que deixaram caír: 4.º que estes não podessem vender na Cidade, mas sim na *Villa* os fructos das suas fazendas: 5.º que o despacho de navios, e de fazendas d'exportação se não podesse em easo algum fazer no porto da Cidade, mas sim no da *Villa*: 6.º, que se concedessem certas isempções ás pessoas, que na dita *Villa* levantassem casas de

pedra, e cal, cobertas de telha, e capases para poderem viver nellas com suas familias: 7.º que por conta dos 600,000 rs. que se applicaram para as obras da fortificação da *Villa*, se trouxesse á mesma *Villa* agoa, que se diz ha d'ahi pouco mais de um quarto de legoa para os moradores, e povo beberem, e se aproveitarem della.

Descripção da Villa.

A *Villa da Praia* está situada em uma planicie, ou achada (a) sobre um alto monte, que no seu comprimento de N. a S. (com pouca differença) tem ½ de milha, e na sua maior largura tem proximamente ¼ de milha.

O monte é cortado de roda quasi a prumo. Para E., que lhe fica a *Praia* negra, se communica por uma estrada de 40 palmos de largura, que ha pouco tempo mandou começar o Capitão General D. Antonio Coutinho de Lancastre debaixo da Inspeção de Jeronimo Martins Salgado, 1.º Tenente do Corpo d'Engenheiros, e Ajudante d'Ordens deste Governo. Esta estrada, aliás muito util, já começada, e levada ao ponto, em que se acha, foi sem dispendio algum da Fazenda Nacional.

Ao SO. da *Villa* fica a *Praia Grande* para a qual se communica por uma Estrada de 30 palmos de largura; e posto que seja antiga, com tudo algumas commodidades, que offerece, são mandadas fazer pelo mesmo Capitão General; assim como outra Estrada, que ao N. e fim da *Villa* se ramifica em dous caminhos; um ao N. NE., e outro a N. NO., que ambos se dirigem para diversos lugares do interior da Ilha.

(a) Na Ilha de S. Thiago da-se o nome de *Achada* a toda a planicie no cimo de montanhas: e de algum modo este nome se estende a toda a planicie, por onde não corre perenne, ou temporariamente alguma Ribeira.

(g) Hoje póde dizer-se a *Villa da Praia* principal tambem em Edifícios. (L. de L.)

Tem a Villa as seguintes Praças, e Largos: 1.º o Largo da Igreja, que fórma um trapesio, em cujos lados se acham os seguintes Edifícios, o Presidio com seu calabouço militar, e Casa de Guarda; e proximo a um Armazem de Trem da Fazenda Nacional; occupam um, e o mais pequeno lado do trapesio: o 2.º lado é occupado pela frente do Passeio Público, e embocadura das Ruas contiguas ao mesmo: o 3.º lado offerece a frente da Igreja Matriz, e unica da Villa da Praia: o 4.º lado é fechado por um velho muro, que deita para a Estrada, e que no caso de ser atacada a Villa serve para bater de flanco aos inimigos, que intentarem desembarcar na Praia Grande, ou assaltar o Ilheo. (h)

O Passeio Público é feito em um parallelogrammo, cujas faces, que correm de E. a O. tem cada uma 230 palmos; e as que correm de N. a S. tem cada uma 220 palmos. Foi feito por ordem do actual Capitão General no principio do corrente anno de 1818. Em Maio do mesmo anno já tinha os muros completos levantados á altura de doze palmos sobre o nivel mais baixo do terreno, que differre muito pouco. (h)

(h) O aspecto desta Villa tem mudado muito desde o tempo do Governador *Chapuzet*, que ali fez sensiveis melhoramentos. O Passeio Público foi transferido para o aprasivel Valle da *Fonte Anna*, e muito embelesado por aquelle Governador. No local do antigo Passeio tem-se feito casas novas. Os velhos Pardieiros da Alfandega, e Cofre foram demolidos, e substituidos por casas mais agradaveis. A Alfandega passou a installar-se em umas grandes, e bellas casas na *Praia Grande*, que o Cidadão M. A. Martins offereceu ao Estado em 1821. — O lado de O. do largo do Pelourinho está guarnecido de casas elegantes ao gosto d'Europa; — mesmo do lado de E. algumas se tem elevado com bom gosto; e nas outras ruas, e largos, que conservam a mesma divisão que o A. menciona, se tem construido mais de 30 boas casas altas, afora muitas bar-

Tem-se mettido de estaca até o presente as seguintes arvores: 8 Poilões; 8 Larangeiras; 20 Canafistulas; 20 Manapulos; 8 Figueiras bravas; 8 Favateiras; 4 Avelaneiras; 24 Carrapateiros; e varias outras plantas como Inhames &c.

O mesmo tem mandado á sua custa buscar mais arvores para acabar de encher o Passeio, que actualmentemente ainda se não acha em meio.

Do Largo acima mencionado por duas largas Ruas contiguas, e parallelas ao Passeio Público se passa para a Praça do Pelourinho, que é um parallelogrammo de 420 palmos de largura, e de perto de 600 de comprimento.

O lado de E. tem varios Edifícios velhos, e quasi no meio uma Travesa. Neste lado se acha a frente do Quartel General, que em nada differe das mais casas se não em ter uma sentinella á porta.

O lado do N. é occupado por duas grandes casas: são separadas por uma Rua, chamada do Meio, que tem de largura 60 palmos.

O lado d'O. contém varios Edifícios novos, e casas velhas; entre estas se acha a casa d'Alfandega, Cofre, Secretaria da Junta da F. N., e casa das Sessões da mesma Junta; tudo em um mão, e arruinado Edifício, por cuja causa estão fazendo as Sessões da Junta em uma das Sallas do Quartel General, e viram-se obrigados a pôr a Contadoria em uma casa do Contador Geral, que é neste mesmo lado da Praça, e a mais acima dellas. (h)

racas agradaveis. — O antigo Presidio foi por *Chapuzet* transformado em um magestoso Quartel, que pena é estar ainda por acabar. Só o Quartel General se conserva na sua primitiva (uma má barraca) com o accrescimento das ruinas, que o tempo lhe tem causado (a ponto de ter hoje escoras, e pontaletes;) de maneira, que affoutamente se pôde dizer ser hoje a mais insignificante casa de toda a Villa, uma vez que não entrem nesta comparação as choupanas, e baiucas. (L. de L.)

O lado do S. tem a casa da Residência do Ouvidor Geral da Província, e projecta-se acabar este lado (em outra porção igual de terreno á que aquella casa occupa) com casa de Camara, e Cadeias da Villa, e seu Termo, e entre estes dous Edifícios um alto Torreão com seu relógio e sino.

Desta Praça se passa por tres largas Ruas paralelas entre si, para um grande Largo irregular, a que chamam a Achada da Villa, ou Boa-Vista: os seus lados são occupados por casas pequenas, e cobertas quasi todas de palha.

Para o lado de NO. fica o Paiol da Polvora feito por ordem do actual Capitão General.

A E. NE. d'aquelle grande Largo fica outro mais pequeno, no qual se acha uma casa com varios quartos, que serve de Hospital Militar; e posto que não seja grande, nem tenha todas as commodidades precisas a uma casa daquelle genero em attenção á pobreza da Província, com tudo o que tem deve-se á vigilancia, e paternaes cuidados do actual Capitão General.

Ha outro pequeno Largo na frente do Quartel General para a parte de E., aonde se postam as Tropas da Ilha em dias de Festividade, Revisitas &c.

Segundo a informação mais exacta que tenho tirado, os trez Largos, isto é, Largo da Igreja, Praça do Pelourinho, e Achada da Villa formavam um campo só ha quinze annos; tempo em que veio para esta Província D. Antonio Coutinho de Lancastre, na qualidade de Governador Geral das Ilhas de C. V., e nesse tempo só havia duas casas altas; a saber, a casa de D. Francisco de Queiroz, e um pequeno quarto alto no Quartel General. Formaram-se depois daquelle tempo as Ruas seguintes, a Rua de Lancastre, a Rua do Cofre, e a Rua do Meio, que são as trez, que communicam a Praça do Pelourinho com a Achada da Villa.

Ha mais a Rua do Ouvidor, e a Rua dos Quarteis, que são as que communicam o Largo da Igreja com a Praça do Pelourinho. Ha outra grande Rua, e muito larga, tambem nova, chamada da Praia-negra.

Tem varias Travessas d'umas para outras Ruas.

Contém a Villa cento, e quarenta e tantos fogos com perto de trez mil pessoas a fóra os Soldados pagos, e Milicianos, e estes ultimos fazem guardas por semanas.

A Villa, como disse, está situada em um monte cortado em roda quasi a prumo; e como que é rodeada de um alto fosso: da parte do S. é banhada á roda pelo mar; pela parte de NO. lhe fica uma grande varzea, chamada vulgarmente da Companhia: pela parte de E. lhe fica outra varzea, ou valle, por onde passa a Ribeira do Bom-Cáe, secca nos 9 mezes do verão, e caudalosa no momento das chuvas. Ao N. é banhada a Rocha do monte pela dita Ribeira do Bom-Cáe.

A varzea da Companhia (assim chamada porque a Companhia do Grão-Pará, e Maranhão ali teve uma casa de estabelecimento, que ainda se conserva, posto que muito arruinada) acha-se ha quatro annos a esta parte reduzida quasi toda a cultura: alguns tem ali suas fazendas, nas quaes tem plantado algodão, que se dá alí bem, e é muito bom. Neste presente anno de 1818 um dos Fazendeiros apanhou mais de 120 arrateis de algodão.

O terreno é alagadiço, e entre outros pços que tem ha um público, chamado = a Fonte-Anna = de cuja agoa se serve quasi toda a gente da Villa; e da mesma fazem os Navios as provisões. No anno de 1800 achando-se no porto da Villa uma Esquadra de 60 Navios, ou mais, entre Barcos de Guerra, e Transportes estavam effectivamente 4 Bombas a tirar agoa da Fonte-Anna, a fóra a precisa para a Villa, e não se conhecia differença no nivel da agoa no Poço posto que seja pouca a

sua altura. Tem esta varzea uma grande quantidade de arvores de tamaras, e de tamarindos. Bastante laccão, e outras plantas, entre as quaes ha a mimosa sensitiva. Produz no tempo das agoas muita beldroega, e o interessante anil.

A outra varzea (da Praia-negra) tambem tem seus poços, e de soffrivel agoa: entre outros tem um grande poço, que teve sua nora; porém por falta de quem a concertasse logo que se lhe quebrou uma pequena peça se deixou perder. Tem as mesmas arvores, e plantas da outra, e tem de mais uma grande porção de Babosa.

Ainda que em ambas as varzeas haja grande quantidade d'agoa, e que seja soffrivel, com tudo a gente mais polida da Villa não faz uso della para beber; e para isto a mandam buscar a *Montagarro*, á *Trindade*, a *S. Jorge*, ou a *S. Francisco* (Fasendas, que ficam distantes da Villa de meia a uma legoa) aonde é muito boa.

Ha seis annos a esta parte tem-se feito na Villa da Praia 21 casas altas, e muitas maisterreas, e muitas obras precisas, como Quartéis, Passeio Público &c. que tem aformoseado a Villa, e que muito tem admirado aos Estrangeiros, que tendo-a visto antecedentemente conhecem a grande mudança que tem feito. Esta mesma mudança ha no aceio dos habitantes. Ha poucos annos os Officiaes de Milicias não se differencavam dos Soldados se não em andarem calçados; e quando muito com casaca, ou sobre-casaca: hoje porém já tem fôrma militar, e quando estão de obrigação apparecem com fardas, bandas &c.

— Continuar-se-ha. —

Havendo-se proposto na Sociedade, que em qualquer tempo que tivesse lugar uma alteração no Governo de S. M., a mesma Sociedade enviasse ao novo Ministro do Reino, fosse quem

fosse, um Requerimento pedindo que se declarasse nullo o Decreto de 2 de Dezembro, foi encarregada uma Deputação composta dos Srs. *Seabra*, *Lopes de Lima*, e *Cardozo Castello Branco* de apresentar o seguinte Requerimento ao actual Ministro do Reino.



SENHORA.

A Sociedade dos Amigos das Letras desvelada pelo esplendor do throno de V. M., que só na illustração de seus subditos pôde achar firme apoio; zelosa em preencher os fins da sua instituição, promovendo neste Reino as necessarias reformas e melhoramentos, mui respeitosa-se dirige a V. M., pedindo-lhe haja por bem decretar um acto de justiça, de politica e de necessidade pública.

V. M. havia determinado ao seu Governo que publicasse um plano de Ensino, o qual pelo inteiro corpo Cathedratico da Capital foi recebido com sympathia. O Ex-Ministro do Reino porém, suppondo-se para tanto autorisado, suspendeu essas reformas. A Sociedade olha esta suspensão como uma calamidade pública, e não só se persuade que ella é damnosa porém illegal.

Damnosa por quanto os Estabelecimentos de Ensino Superior da Capital hoje separados, com grande detrimento da instrucção geral e especial, eram pela suspensa lei, reunidos n'um só corpo, e completados com as necessarias Cadeiras que lhes faltam para poderem offerecer a Nação sabios Engenheiros Civis e Militares, Administradores, e Officiaes de Marinha; resultados que mal podem obter-se com a actual fôrma e constituição das varias Escôlas da Capital.

Illegal, porque sendo essa suspensão uma disposição legislativa, só em virtude do voto de confiança poderia ser promulgada. Porém o voto de confiança, Senhora, autorizava o Governo para reformar o ensino público

da epocha em que foi concedido: o Governo servindo-se d'essa authorisação, reformou-o; ali acabava claramente o effeito do voto de confiança. O systema de ensino era já diverso d'aquelle que o Corpo Legislativo havia censurado. O voto permittia que se reformasse ou alterasse o ensino da epocha em que foi promulgado; não podia elle permittir que se reformasse ou alterasse o novo systema d'instrucção que ainda então não existia. Mas foi só em virtude deste voto que o Ministro suspendeu as novas reformas, conseguentemente commetteu uma illegalidade, e como tal é nullo o Decreto de 2 de Dezembro.

Innumeras razões de conveniencia, innumeras considerações scientificas, innumeros motivos politicos poderiam aqui reproduzir-se para provar a necessidade absoluta de tal revogação; mas a Sociedade espera que a V. M. bastará a clara demonstração da illegalidade de tal Decreto para se dignar suspender immediatamente os desastrosos effeitos da intempestiva destruição da reforma.

E V. M. Servindo-se de tomar tão nobre e patriótica resolução, ganharia novos direitos ao amor e á gratidão de seus subditos, se de novos direitos carcesse.

(Seguem-se as assinaturas.)

A Sociedade RECEBEU EM RESPOSTA A SEGUINTE

PORTARIA

MINISTERIO DO REINO

4.^a REPARTIÇÃO.

Sua Magestade Fidelissima, a RAINHA, Havendo ponderado a materia da Representação, que em data de 5 do presente mez, a Sociedade dos Amigos das Letras elevou á Sua Augusta Presença, pedindo o restabelecimento do Instituto das Sciencias Mathematicas e Fisicas, creado por Decreto

de 7 de Novembro de 1835, e suspenso pelo de 2 de Dezembro do mesmo anno, attenta a resposta do Conselheiro Procurador Geral da Corôa, e ouvido o Conselho de Estado: Ha por bem mandar responder á mencionada Sociedade, que a sua pertença não póde ser deferida por versar em assumpto dependente do Poder Legislativo, mas que na proxima Sessão Extraordinaria o Governo colligindo assim do Instituto como dos projectos até agora offerecidos o que parecer preferivel, tem de propôr ás Côrtes, como urgente, um Plano que satisfaça as necessidades da Instrucção Pública e os votos de todos os Amigos das Letras sobre tão importante objecto, intimamente ligado com a prosperidade nacional. Palacio das Necessidades em 21 de Maio de 1836.

Agostinho José Freire.

NOVAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS.

SYSTEMA PORTUGUEZ DE FORTIFICAÇÃO — obra composta por Francisco Pedro Celestino Soares, e inserida no XI. Tomo das Memorias da Academia Real das Sciencias, ultimamente publicado.

A maior parte dos autores de Fortificação, que nós conhecemos, (exceptuando Montalembert, Carnot, Cugnot, e outros) propondo-se a resolver o mesmo problema, isto é, pretendendo unicamente modificar o Systema do immortal Vauban, não apresentam um pensamento original, e fecendo, cujo desinvolvimento constitua um novo systema, propriamente dito. — O Triangulo tem sido até hoje desprezado pelos mais habéis Engenheiros, como um poligono incapaz de ser fortificado vantajosamente. Mas o Sr. Celestino concebe o methodo de fortificar o Triangulo com vantagem n'um caso determinado, e o leva a effeito d'um modo tão proveito-

so para os progressos da Sciencia do Engenheiro, que o faz extensivo a todos os poligonos superiores, apartando-se muitas vezes das idéas recebidas, e combinando principios de sistemas oppostos. Este novo methodo de fortificar constitue o *Systema Portuguez de Fortificação*, que faz honra ao seu benemerito autor.

Nós recommendamos a sua leitura a todos os Engenheiros e Militares instruidos, cujo juizo não ousamos prevenir, pela falta de cabedal scientifico, que testemunhamos com a nossa assinatura.

(C. Lagrange.)



O *Leproso d'Aoste*, por Xavier de Maistre, vertido em portuguez por José Silvestre Ribeiro. (*)

Este opusculo já pelo nome de seu autor recommendavel, foi em França bem recebido. Seu assumpto é provar ao ente mais desgraçado que em seu coração e seu espirito achará sempre na hora da adversidade um thesouro nos recursos da philosophia e da religião. Esta philanthropica e consoladora these é por *De Maistre* provada com um delicadissimo Dialogo entre um Militar viajante, e um individuo que ainda alcunham homem, mas a quem já de ha muito só de humano resta a voz. O Leproso acha na compaixão e no interesse do Militar, lenitivo. Lenitivo achará tambem na leitura deste Dialogo o Infeliz, por pensar que muitos degraos poderia ainda descer na escala das misérias humanas.

A tradução sahe da pena de um Joven que em tempos melindrosos não hesitou em sacrificar interesses e carreira pública a politicas convicções.

José Feliciano de CASTILHO.

(*) Um in — 32 de 50 pag., preço 160. rs. — Periodico dos Pobres, Orcel, João Henriques, Antonio Marques.



DAS FONTES, ESPECIALIDADE, E EXCELLENCIA DA ADMINISTRAÇÃO COMMERCIAL SEGUNDO O CODIGO COMMERCIAL PORTUGUEZ — por José Ferreira Borges — Porto na Typographia Commercial Portuense — 1836.

Este Opusculo de 120 paginas em 8.º gr., — depois de uma breve, mas interessante Introducção, que apresenta em um rapido esboço a historia do Commercio, e Navegação, e mais particularmente a historia das Associações mercantis, ou Collegios de Mercadores, e seus Regulamentos desde os Romanos até os nossos dias — trata em 5 Capitulos por um modo tão claro, e convincente, quanto conciso e despido de ornamentos, como a materia o pedia, o objecto que a sua epigraphie annuncia. Mas o que o torna sobre maneira interessante aos olhos do Antiquario, e mesmo do Litterato Puritano, são os 2 primeiros Appendices, em que nos apresenta entre varias noticias curiosas documentos antigos pouco vistos, ou quasi ignorados, acerca da Navegação, e Commercio Portuguez, e com particularidade o = *Regimento do Consulado Portuguez* = promulgado em 28 de Novembro de 1592, do qual bem se póde dizer que apenas existia a tradição. Não é mister recommendar o merecimento de um Escrito do Sr. *Ferreira Borges* sobre Sciencia Mercantil, em cujas theorias ninguem ouza contestar-lhe a primazia em nossa terra, em quanto suas obras correm com subito louvor em toda a Europa.

J. J. Lopes de Lima.



PROJECTO DE REFORMA DA INSTRUÇÃO PUBLICA pelo Sr. A. F. de Figueiredo e Almeida Lisboa 1836 1 vol. 12.º

N'esta obra se offerece aos amigos da civilisação idéa que se for abraçada, produzirá vantajosos resultados. Consiste ella em estabelecer uma Univer-

sidade na Capital do Reino por meio de uma Sociedade que a isso metta hom-
bros, protegida pelo Governo. Idéa
fecunda é esta em nosso entender, e do
livro do Sr. Figueiredo se colhe a pos-
sibilidade da sua execução. Seria mu-
ito longo dar uma noticia miuda do
Projecto na divisão e fôrma da Instruc-
ção, mesmo porque em algumas cousas
vemos o objecto de maneira diversa da
do Autor; por isso nos absteremos de
o fazer, recommendando-o comtudo
como um dos bem ordenados que temos
visto. Digno de todo o elogio é o quadro
dos conhecimentos humanos apresen-
tado nos prolegomenos do opusculo,
bem como o é o modo victorioso porque
o Sr. Figueiredo destroe todas as diffi-
culdades que por ali se offerecem con-
tra o estabelecimento da Universidade
na Capital, e a evidencia a que leva a
utilidade desimilhante instituição. Na
lucta actual entre a luz e as trevas, en-
tre o amor do progresso e o asferro a
velhos preconceitos favorecidos do in-
teresse, o livro do Sr. Figueiredo é
um livro utilissimo e tanto mais de
estimar que com este predicado raros
apparecem hoje em Portugal.

A. H. C. Araujo.



INDICE.

Das materias contidas no 2.º nu-
mero do Jornal da Sociedade dos
AMIGOS DAS LETRAS.

Nota Preliminar ácerca da vida do Padre <i>Antonio Vieira</i> , por <i>Jose Feliciano de Castilho</i> p.	33
Fragmentos da Vida do Padre <i>Antonio Vieira</i> , escrita por el- le mesmo.....	34
Epistola ao Sr. <i>Sendim</i> , por <i>An- tonio Feliciano de Castilho</i> ..	44
A Madrugada no Porto, Ode por <i>J. J. Lopes de Lima</i>	46
Nota ácerca de <i>Antonio Ribeiro dos Santos</i> , e da sua obra = Origem e progressos da Poesia em Portugal por <i>Antonio Fe- liciano de Castilho</i>	47

Da Origem e progressos da Poe- sia em Portugal, por <i>Antonio Ribeiro dos Santos</i>	50
Memoria sobre Cabo-Verde, por <i>Jose Feliciano de Castilho Se- nior</i> , continuada do n.º 1.º...	52
Representação da Sociedade a S. M. para que se declare nullo o Decreto de 2 de Dezembro de 1835.....	p. 61
Portaria do Ministerio do Rei- no.....	p. 62
Analyse de Novas Publicações Portuguezas do systema de Fer- tificação Portuguez, do Sr. <i>Ce- lestino Soares</i> , por <i>Claudio La- grange</i>	p. 62
Do Leproso d'Aoste, do Sr. <i>Jo- se Silvestre Ribeiro</i> , por <i>Jose Feliciano de Castilho</i>	p. 63
Das fontes, especialidade e excel- lencia da Administração Com- mercial, segundo o Codigo Por- tuguez, do Sr. <i>Ferreira Bor- ges</i> , por <i>J. J. Lopes de Li- ma</i>	p. 63
Do Projecto de Reforma da Ins- trução Pública, do Sr. <i>Albi- no Figueiredo</i> , por <i>A. H. de Carvalho Araujo</i>	p. 63



Erratas do 1.º n.º

As principaes são as seguintes	
erros	emendas
p. 3, col. 1. l. 27	
1834	1833
p. 12. col. 1. l. 15 —	
é mais alguma	é mais alguma cousa
p. 18. col. 2, l. 18 —	
expertão	espertarão
p. 23. col. 1, l. 2 —	
fortificação	fortificação e do roteiro
p. 24. col. 2, l. 9 —	
Fullio	Tullio
p. 25. col. 1, l. 13 —	
A uma	Uma
p. 26. col. 1, l. 17 —	
Ao longo	Ao longe
Outros mais leves terá o Leitor corregido.	